



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**“NA TRAMA DO DESTINO”:
ANAYDE BEIRIZ, UMA HISTÓRIA DE GÊNERO,
MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO NA PARAÍBA NAS
DÉCADAS DE 1920-1930**

MARIA HILDA DA SILVA

**CAJAZEIRAS – PB
2017**

MARIA HILDA DA SILVA

**“NA TRAMA DO DESTINO”:
ANAYDE BEIRIZ, UMA HISTÓRIA DE GÊNERO,
MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO NA PARAÍBA NAS
DÉCADAS DE 1920-1930**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvana Vieira de Sousa

**CAJAZEIRAS – PB
2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize dos Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S586n Silva, Maria Hilda da.
“Na trama do destino”: Anayde Beiriz, uma história de gênero, memória e representação na Parahyba nas décadas de 1920-1930 / Maria Hilda da Silva. - Cajazeiras, 2017.
96f. : il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1. Beiriz, Anayde da Costa-Memória. 2. Gênero feminino. 3. Mulher-
espaço na sociedade. 4. Parahyba do Norte, 1920 a 1930. I. Sousa, Silvana
Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título.

MARIA HILDA DA SILVA

**“NA TRAMA DO DESTINO”:
ANAYDE BEIRIZ, UMA HISTÓRIA DE GÊNERO,
MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO NA PARAÍBA NAS
DÉCADAS DE 1920-1930**

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Silvana Vieira de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Dra. Mariana Moreira (Examinadora)
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Dr. Israel Leão de Sousa (Examinador)
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Dra. Maria do Socorro Nascimento (Suplente)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

**CAJAZEIRAS – PB
2017**

Dedico este trabalho a meu amado filho, Calebeh Valentim, que sempre foi a minha recarga diária de amor durante esta jornada. Dedico também ao colega e amigo Marcelo Formiga (*in memoriam*), que não pôde concluir nossa sonhada Licenciatura em História. Caro Marcelo, todas as nossas realizações são também suas. Sentimos sua falta.

À vocês todo meu amor e saudade!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que esteve presente em todos os momentos. És o maior mestre que alguém pode conhecer.

À minha família por ser meu alicerce e meu porto seguro. Pelos valores repassados e que serviram de base para a construção de minha identidade. Pelo apoio nos momentos de dificuldade e, sobretudo, por me ensinarem a importância do conhecimento para o crescimento pessoal. E agradeço principalmente a minha mãe Josefa Maria (Zefinha), por ser fomento, porto-seguro, colo, apoio e força, sei que só conseguia dormir quando eu chegava da faculdade, serei eternamente grata, afinal, o que seria de mim sem a sua ajuda e o seu cuidado com o meu pequeno filho nas noites que estive ausente!? Minha mãe, meu maior exemplo e inspiração de ser mulher. Agradeço também ao meu pai Raimundo Nonato, que mesmo dentro de seus limites sempre esteve ao meu lado.

À ele, meu Calebeh, meu pequeno, meu amor! Por ter o olhar mais doce e o sorriso mais lindo, como uma injeção de ânimo nos dias mais difíceis, como se compreendesse minha ausência, obrigado por ser o ar que respiro, e espero que um dia você possa ler isso.

Ao meu esposo, Ronaldo Fernandes, que esteve ao meu lado durante toda essa trajetória. Juntos sorrimos, choramos, crescemos, mas, sobretudo, fomos o alicerce um do outro, aprendemos juntos todo dia e aos poucos estamos escrevendo nossa história de amor, batalhas e companheirismo. Obrigada, amor!

Obrigado ao meu irmão Geraldo Filho, à minha cunhada Fátima Chagas e à minha linda sobrinha Savannah, que nos momentos de minha ausência, dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente. Obrigada pelo apoio, incentivo, risadas e acolhimento de sempre, vocês são indispensáveis em minha vida.

Não posso deixar de agradecer aos meus avós maternos e paternos, Maria (*in memoriam*) e José Felix (Zé Branco), Hilda e Valdemar. A essas mulheres sertanejas, que além de serem inspiração para o meu nome, são também inspiração de garra, força e humildade; aos meus “velhos” queridos todo meu carinho e admiração. Vovô Zé

Branco, não sabes como é bonito vê-lo falar cheio de orgulho de suas netas formadas... A vocês todo meu amor, orgulho, respeito e saudade.

Finalizando os agradecimentos do círculo familiar, quero agradecer aos meus tios e tias, primos e primas, pelo incentivo, pelas melhores festas, pelas risadas e por todo o carinho! Só para tranquilizar vocês, gostaria de dizer que consegui concluir o curso com as faculdades mentais intactas (risos).

Agradeço de coração a quatro pessoas que se tornaram mais que especiais na minha vida, presentes que a vida acadêmica me proporcionou e que foram essenciais no decorrer dela. Sabemos que nessa longa trajetória acadêmica existem aquelas joias que brilham mais, e para elas carrego em meu peito todo o carinho e gratidão que nele pode caber. Minha amiga Gabriela Lontras, por ter sido todo o apoio, a atenção e o amor nesses anos, obrigada pela descoberta de um mundo novo de desconstrução e empoderamento, nenhuma palavra descreveria a gratidão que tenho por tê-la como amiga. Agradeço de coração a Guilherme Alves, cara, você é demais! Daqueles irmãos mais velhos que a vida te oferece. Obrigada, Gui, por todo incentivo e ajuda sempre que precisei. Não posso deixar de citar Fernanda Suyanne, por ser aquela amiga atenciosa, extrovertida, mas sobretudo carinhosa, de um coração enorme, obrigada por tudo minha “Nanda”. Agradeço também à minha amiga Poliana Albuquerque, que nessa caminhada universitária foi uma grande companheira de estudo, sempre disponível a ajudar de alguma forma, muito obrigada, “Poli”, pela amizade. Muito obrigada, queridos amigos e queridas amigas, que nossa amizade persista e amadureça cada vez mais, amo vocês!

Agradeço aos meus colegas de curso que tornaram essa caminhada gratificante. Em especial à turma 2011.2, aprendi demais com vocês, mas aprendi, acima de tudo, o significado de companheirismo. Pessoas que aprendi a admirar pelas lutas e conquistas. Gratidão por compartilharem suas histórias de vida e trilharem junto comigo essa etapa da minha vida.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem o conhecimento, não apenas racional ou acadêmico, mas a manifestação de força, militância nas causas que acreditam, caráter e afetividade, todo um conjunto de fatores que foram indispensáveis no processo da formação. Obrigada pela dedicação com as aulas, não somente por terem me ensinado, mas por terem trocado experiências de vida. As palavras mestre e doutor

nunca farão justiça aos professores dedicados que terão os meus eternos agradecimentos.

Agradeço, em especial, à minha querida orientadora Silvana Vieira, por ser sempre solícita e atenciosa, pelas palavras de conforto nos dias mais angustiosos. E como sempre digo, ela foi o “elo” entre mim e Anayde (risos), obrigada por me apresentar Anayde naquelas aulas deliciosas de História da Paraíba, nunca esqueço aquela a noite, a primeira sensação em assistir “Parahyba, Mulher Macho”, e todas as contribuições com aquelas aulas, foi a partir dali que tive certeza que o seu olhar seria indispensável para a construção dessa pesquisa. A descrevo em caráter pessoal como divertida, leve e muito atenciosa. Muito obrigada pelo empenho, contribuições e correções a esse trabalho, e pela amizade que construímos.

Quero agradecer pela inspiração dessa pesquisa à todas as mulheres que assim como Anayde travam uma luta em nome de seus direitos, mulheres que estão à frente de uma militância, que não titubeiam em fazer barulho em nome daquilo que acreditam: a autonomia feminina. Muito obrigada! Juntas somos mais!

À todas e todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar a construção das imagens e representações da professora Anayde da Costa Beiriz que foram expostas e circularam nos apresentando muitas “Anaydes”, a mulher-poetisa-intelectual-heroína-professora-romântica, por meio de três obras de referência e suportes distintos, sendo o livro do escritor paraibano José Joffily, intitulado “Anayde Beiriz: Paixão e Morte na Revolução de 30”, o livro do médico paraibano Marcus Aranha, intitulado “Anayde, a Pantera dos olhos dormentes”, e o filme da cineasta carioca Tizuka Yamasaki, “Parahyba, Mulher Macho”. Trabalhamos com análise documental, demonstrando como cada um (re)construiu a imagem de Anayde, podendo assim apresentar informações e relatos da vida de Anayde Beiriz, e dentro desse contexto, realizar uma análise acerca de seus escritos na tentativa de “deixá-la falar” de uma “escrita de si”. O trabalho busca expor ainda conceitos de discussão de gênero feminino e seu espaço na sociedade, fazendo-se necessário relatar o contexto social e cultural da época (Parahyba do Norte, 1920 a 1930), através do posicionamento de Anayde Beiriz, seu papel, suas marcas e história no contexto social que estava inserida, as relações de memória e poder que foram atreladas ao seu nome, e a demarcação de muitas memórias com vieses diversos. E é justamente enfatizando sua dizibilidade que a seguinte pesquisa ganha corpo, para falar do “turbilhão” Anayde Beiriz.

Palavras-chave: Anayde Beiriz. Gênero. Memória. Escrita de si. Representações.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Anayde Beiriz em ambiente da escola de datilografia (Escola Remington).....	27
IMAGEM 2: Capa do livro “Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30”....	45
IMAGEM 3: Anayde em formatura na escola normal, em 1922.....	47
IMAGEM 4: Placa de reconhecimento de residência onde Anayde viveu. Rua Santo Elias, N° 176, João Pessoa/PB.....	49
IMAGEM 5: Frente da residência onde Anayde viveu.....	50
IMAGEM 6: Pôster do filme “Parahyba, Mulher Macho”.....	60
IMAGEM 7: Segundo pôster do filme “Parahyba, Mulher Macho”.....	61
IMAGEM 8: Capa do Livro “Anayde Beiriz, a Pantera dos olhos dormentes”.....	63
IMAGEM 9: foto de Anayde Beiriz, 1923.....	65
IMAGENS 10 E 11: Anayde Beiriz e João Dantas.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – PARAHYBA DA DÉCADA DE 1920, SEDUÇÃO E ENFRENTAMENTO: OLHOS E OLHARES DE E SOBRE A PARAHYBA QUE ANAYDE VIVEU	22
1.1 “Recatada e do lar”: pequena reflexão acerca do papel da mulher no mercado de trabalho.....	22
1.2 “Os anos da mulher moderna”: um pequeno passeio pelas imagens femininas na década de 1920 no Brasil e na Parahyba do Norte.....	28
1.3 “Na trama do destino”: tensão e conflitos políticos na Parahyba e no Brasil dos anos 20.....	32
1.4 “Elevamos a mulher ao eleitorado”: o sufrágio feminino pela autonomia do voto.....	37
CAPÍTULO II – “LIBERTINA, LIBERTÁRIA, NOIVA, AMANTE, PROFESSORA, MODERNA”: QUANTAS E QUAIS ANAYDES?	41
2.1 Anayde imortalizada na arte e na literatura: relações livro e filme.....	42
2.2 “Muitas atitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses fariseus”: Anayde aos olhos de José Joffily em “PAIXÃO e Morte na Revolução de 30”.....	46
2.3 “Creem eles que sou trágica, que gosto desse amor que queima”: o contexto histórico acerca de Anayde em “Parahyba, Mulher Macho”.....	52
CAPÍTULO III – “REMINISCÊNCIAS DESFEITAS DE MINHA MOCIDADE”: ANAYDE BEIRIZ, A PANTERA DOS OLHOS DORMENTES	63
3.1 As missivas.... Captura do outro.... A escrita de si.....	67
3.2 “Que Fremito lhe percorria o corpo...”: Anayde e sua produção literária.....	77
3.3 “Sou, na câmara ardente da existência, a lâmpada velada”: Anayde por Anayde.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO

Atualmente, estamos vivendo efervescências e problematizações acerca das discussões e relações de gênero, por mais que os aspectos e discursos modernos estejam penetrados nas mais variadas instituições sociais, ainda estamos com os pés “atolados” na realidade de um machismo estrutural, até mesmo “cultural”. Dito isso, como mulher, as discussões de gênero sempre se mostraram interessantes para mim, e foi justamente na academia que esse interesse ganhou tamanho e força e se materializou através dessa pesquisa.

Anayde Beiriz me foi apresentada em um momento de desconstrução, conhecimento e empoderamento como mulher, vi em Anayde o alicerce para discutir as relações de gênero tão problematizadas atualmente no cenário social, porém, me enveredo por contexto social não tão atual assim: a Paraíba das décadas de 1920 e 1930, cenário onde Anayde nasceu, viveu e morreu. Um cenário que descrevo como patriarcal e conservador, que conduzia homens e mulheres através de regras de comportamento. Levando em consideração que Anayde Beiriz foi uma mulher à frente de seu tempo, ousada, libertária, articulada, intelectual e espontânea, desfez os laços e as inocentes tranças do cabelo: quis uma trajetória *à la garçonne*, mesmo quando parte da sociedade a queria como pacata, silenciosa e até introspectiva. Foi tida como um ser transgressor das tais regras, julgada e perseguida como a maioria das mulheres que ontem e hoje ainda são quando rompem os espaços de submissão destinados a elas.

Diante do exposto, o que me motiva a analisar os discursos em torno de Anayde, é razão de certo modo particular. Como mulher, paraibana e historiadora, vi nos estudos acerca de Anayde a possibilidade de trabalhar com gênero, me debruçando e me deliciando sobre a história da Paraíba que tanto admiro, e problematizando a história e memória de sujeitos históricos.

Me debruço sobre os discursos historiográficos produzidos sobre Anayde, sobre as memórias com vieses diversos produzidos sobre a mesma, especificamente os que circularam com mais intensidade: o livro de José Joffily “Anayde Beiriz, paixão e morte na revolução de 1930”, o filme da cineasta Tizuka Yamazaky, “Parahyba, Mulher Macho”, e o livro de Marcus Aranha “Anayde Beiriz: panthera dos olhos dormentes”. Analisar essas obras para entender as representações construídas sobre Anayde, que nos

conferem imagens de muitas mulheres, muitas “Anaydes”. Além da análise proposta, pretendemos empreender uma análise de seus escritos, textos produzidos pela própria Anayde, que por mais que sejam escassos, segundo Joffily (1980, p. 9), esses escritos nos conferem um desenho caricatural de sua personalidade, juntamente com o livro de Marcus Aranha que traz em seu conteúdo correspondências de Anayde, formando o que chamamos de uma “escrita de si”, com a intenção de “deixá-la falar”.

Nosso estudo se faz a partir de um conjunto de indagações: como a imagem de Anayde é apresentada e representada nos diferentes documentos analisados? Como esses mecanismos de representação podem influenciar na construção de uma identidade feminina? É possível enxergarmos Anayde por ela mesma? É a partir dessas questões que buscamos analisar as narrativas documentais sobre Anayde a fim de apresentar uma figura feminina histórica dentro de uma dizibilidade, o turbilhão Anayde Beiriz.

As discussões de gênero, as relações de memória/história/poder e as imagens e representações serão nossos pares no aporte teórico da seguinte pesquisa, alicerçada na perspectiva da Nova História Cultural, que permitiu um leque de possibilidades no que diz respeito às fontes de pesquisa. Dito isso, nossa pesquisa dialoga com as reflexões levantadas por Margareth Rago, Peter Stearns, Mary Del Priore, dentre outros nomes que produzem um debate acerca das reflexões de gênero no contexto histórico e nacional, além das paraibanas Alômia Abrantes, Socorro Cipriano e Mariza Pinheiro, que com suas produções literárias, biográficas e científicas acerca da vida e obra de Anayde, foram extremamente importantes e ornadas de inspiração para a efetivação dessa pesquisa.

As relações de memória aqui contidas foram arquitetadas sob a perspectiva da história e memória de Jacques Le Goff, sob as fundamentações da memória coletiva de Maurice Halbwachs, e algumas contribuições de Michel Pollak. Os estudos de memória acerca de Anayde Beiriz nos possibilitaram relacionar intimamente com as questões de poder, que aqui estão construídas nas reflexões de Michel Foucault (1993). E dentro dessas relações, foram construídas representações para demarcar um perfil para Anayde Beiriz, e se fez de extrema importância entendermos os caminhos seguidos e as intenções para a construção dessas representações contidas em nossas fontes, por isso, sobre história e representação social, os estudos de Roger Chartier foram indispensáveis.

Sobre uma “escrita de si”, que veio contribuir para o debate teórico-metodológico, partimos dos apontamentos de Ângela Maria de Castro Gomes e Michel Foucault. Nem sempre tendo sido usados como fontes pelos historiadores, os conjuntos de compostos por diários, correspondências, biografias e autobiografias apenas recentemente passaram a ser considerados fontes privilegiadas de análise e objetos da pesquisa histórica. Resultado das transformações na prática historiográfica vindas da consolidação da chamada Nova História Cultural, e segundo Ângela de Castro, também Social e Política, que estabeleceram novos recortes e temáticas, bem como objetos, metodologias e fontes ao trabalho do historiador.

Não podemos deixar de salientar que não temos por objetivo realizar um trabalho biográfico, mas também não podemos prescindir de tal tarefa, pois fornecemos desde já alguns dados biográficos de Anayde Beiriz (e também algumas informações acerca do processo de criação de sua memória nos principais veículos que circularam), ainda que o façamos de maneira simplificada e procurando questionar essa narrativa ao longo do trabalho. Com isso, tentaremos chamar a atenção para os efeitos dessa memória na forma como os autores lidam com sua história de vida e, simultaneamente, desenvolvendo uma tessitura de gênero, resultando na construção de inúmeras mulheres, inúmeras Anaydes. Porém, não negamos sua dizibilidade e deixamos isso claro pela forma como lidamos com uma sedutora *escrita de si* que, para usarmos a já clássica definição de Pierre Bourdieu, está configurada como uma verdadeira *ilusão biográfica*.

Anayde da Costa Beiriz, nascida em 18 de fevereiro de 1905 na Cidade da Paraíba, atual João Pessoa, era filha de um tipógrafo do jornal “A União”, José da Costa Beiriz e de Maria Augusta de Azevedo, autoridade do lar. Diplomou-se aos 17 anos na Escola Normal no ano 1922, e mesmo se destacando como uma das melhores alunas, só conseguiu emprego na colônia de pescadores na então Vila de Cabedelo. Amante das letras, a professora Anayde era conhecida no meio artístico, assídua frequentadora de saraus poéticos e dançantes, mantinha bom relacionamento com intelectuais; bela e espontânea, se vestia nos moldes mais modernos, adotou o uso de cabelos curtos e maquiagem, o que era um escândalo para a época, mas não se importava e seguia sendo ela mesma. Circulando no meio dos intelectuais, Anayde declarava-se publicamente a favor da autonomia feminina. Em 1928 iniciou um romance com o advogado João Dantas, opositor e assassino do presidente do estado da Paraíba, João Pessoa, e aliado

do coronel Zé Pereira. O romance rendeu a mesma o envolvimento nos acontecimentos trágicos que culminaram na Revolução de 30.

Objetivamente, o motivo pelo qual enveredamos pelos caminhos que nos levam a pesquisar a imagem da mulher, professora e poetisa Anayde Beiriz foi a possibilidade de resgatar reflexões históricas e culturais paraibanas, entre outros elementos, através da análise de documento narrativo sobre a mesma, além de buscar entender o espaço direcionado para o gênero feminino nas efervescências da década de 20. Para melhor compreensão, apresentamos o contexto social, econômico e político em que Anayde estava inserida: a Paraíba do final dos anos 20 e início da década de 30, período conhecido como a “Revolução de 30”.

A importância desse episódio na história de vida de Anayde é indispensável em função da sua íntima ligação com o advogado João Dantas (Dantinhas), que assassinara João Pessoa, motivo que segundo a historiografia local cominou na chamada Revolução. Tais eventos a colocaram no meio de uma intrincada rede de disputas e poder que demarcara para sempre a construção de uma memória histórica com vieses diversos, muitas vezes a limitando como “amante” do assassino do presidente do estado, João Pessoa. Porém a mesma já havia se projetado socialmente através de seus escritos que se debruçavam sobre a autonomia feminina nas diversas instituições sociais como o matrimônio e a política. Nesse contexto, Anayde sofreu preconceitos por ser uma mulher atípica de seu tempo, culta e independente, condição que a fazia “mal vista” na sociedade paraibana, essencialmente patriarcal e conservadora.

Foi no caleidoscópio de fluxos desejanter, no interior das práticas sociais, com sua participação em diversos acontecimentos culturais, na Revista Festa, no Jornal das Moças, e sua conturbada participação na área educativa na Paraíba do início do século XX, que Anayde se fez menina-apaixonada-mulher-educadora-poetisa-feminista e transgressora da ordem estabelecida. A menina-mulher que se deixa dizer – ainda na adolescência, através de respostas ao telúrico Diário de Recordações, compartilhado com amigas – como mulher apaixonada pela vida, por seu amor, e muitas outras Anaydes que nunca saberemos, segundo a postura epistemológica investigativa que assumimos nesta pesquisa, sem pretensões de desvelar ou de resgatar (supostas) verdades guardadas, por compreendermos que elas são sempre produção de sentidos ditos em discursos.

Mas é na pluralidade de Anaydes que esta pesquisa toma corpo, para dizer do corpo de Anayde, em três de suas vertentes possíveis, que percebemos no emaranhado de papéis (das fontes pesquisadas) e nos mais difíceis: os que ela teve que desempenhar na Paraíba, cujos preceitos morais em relação à mulher eram pensados e vividos segundo uma normatização de corpos, sobretudo o feminino.

Esses discursos se assemelham e se deixam cruzar com alguns momentos vividos por Anayde. Escrever sobre os múltiplos discursos de verdade, sobre a produção de imagens (representação), sobre a atribuição de sentidos à sua vida e sobre sua trajetória de vida é entendê-la como “uma mulher além do seu tempo”. Uma mulher que viveu na Paraíba, no início do século XX, e que se destacou por sua escrita em contos e poemas, como também pela entrega e pelos enfrentamentos diante da vida, por paixões avassaladoras, provocando instabilidades, inseguranças quanto “[...] aos modos de ser masculino e feminino [...]” (OLIVEIRA, [s.d.], p. 4). Os entrecruzamentos desses discursos e desses veículos de memória ganham vida nesta pesquisa sob a forma de múltiplas identidades, em que buscamos pôr em suspenso as diferentes produções discursivas da época.

No primeiro capítulo, intitulado “**Parahyba da década de 1920, sedução e enfrentamento: olhos e olhares de e sobre a Parahyba que Anayde viveu**”, apresentamos ao leitor o cenário social e cultural da época, realizando uma análise dos vestígios e das nuances daquela temporalidade; estamos lidando com os anos de 1920 a 1930, uma década marcada pelo termo “*belle époque*”. A sociedade brasileira passa a sentir a penetração dos traços modernos em inúmeras instituições sociais, e o dito moderno chega às cidades mais provincianas como a Parahyba do Norte, cidade onde Anayde nasceu, cresceu, se fez a mulher Anayde e viveu a ascendência de sua produção literária.

Nesse capítulo tratamos e analisamos a condição da mulher no referido período, realizando uma reflexão no contexto nacional e simultaneamente narrando essa dita condição na sociedade paraibana, refletida na vida de Anayde. No tópico 1.1, “‘Recatada e do lar’: pequena reflexão acerca do papel da mulher no mercado de trabalho”, optamos por problematizar como se consolidou a participação do gênero feminino no mercado de trabalho, esfera até então tipicamente masculina. Entendemos que se fazia necessário analisar o contexto nacional e a disciplinarização que se

constituiu acerca da saída da mulher para o âmbito das fábricas. Podemos afirmar que o referido período pode ser caracterizado como um período de mudanças e permanências, pois muitos “atestados” morais contra a mulher ainda se faziam presentes, principalmente para aquela mulher que deixava seu espaço privado, o lar, e se inseria como ativa na sociedade, na vida pública. Sobre essa mulher recaía um rótulo, um estereótipo de culpa, pecado, transgressão, e é sobre isso que tratamos nesse momento. Voltamos nosso olhar para um contexto geral das mulheres e sua inserção no mundo do trabalho, refletindo o caminho e as dificuldades que Anayde enfrentou na sua vida de magistério.

Já no tópico 1.2, intitulado “‘Os anos da mulher moderna’: um pequeno passeio pelas imagens femininas na década de 20 no Brasil e na Paraíba do Norte”, voltamos nossos olhares para a introdução da cultura como um marco divisor de águas no contexto social das mulheres e homens. Respirava-se ares modernos, e com ele um novo modo de enxergar o mundo, as mudanças pairavam sobre todas as instituições sociais, e inclusive, sobre os códigos comportamentais dos sujeitos. Nesse ponto fazemos menção aos aspectos sociais e cotidianos da vida das mulheres e, especificamente, de Anayde. Aqui chamamos atenção para a importância dos periódicos voltados ao gênero feminino e a introdução das mulheres como escritoras e formadoras de opinião. Chamamos atenção para as influências que Anayde recebeu da Semana da Arte Moderna, e sua ativa participação na agitada vida de saraus litero-dançantes. Aqui, as mulheres abraçaram o moderno e demarcaram definitivamente seu lugar na vida pública, mesmo que para isso tivessem que pagar um preço de exclusão. Como o foi no caso de Anayde.

No tópico 1.3, “‘Na trama do destino’: tensão e conflitos políticos na Paraíba e no Brasil nos anos 20”, se fez necessário apontar as articulações e desarticulações conflituosas que antecederam e foram tidas como o apogeu de um dos episódios mais visitados pela nossa historiografia, a “Revolução de 1930”. Anayde Beiriz teve sua imagem e nome relacionados aos fatos que antecederam a respectiva revolução devido a sua íntima relação com o advogado João Dantas, e nesse ponto, construímos uma narrativa de fatos a fim de fazer com que o leitor se aproxime do ambiente conflituoso em que Anayde foi inserida e teve sua memória deturpada por tanto tempo. Chamamos atenção para o fato de que um dos objetivos da pesquisa é justamente tirar Anayde da sombra desse episódio, onde seu nome esteve por tanto tempo atrelado, negando a ideia

da “Anayde por ela mesma”, porém, se fez necessário narrar as tensões e pluralidades políticas que o país e, especificamente, a Parahyba estava imersa, afinal, o presente capítulo busca apresentar o cenário social e político onde Anayde esteve inserida, e os fatos que marcaram sua vida.

Em 1.4 “‘Elevamos a mulher ao eleitorado’: o sufrágio feminino pela autonomia do voto”, entendemos que para efetivar as discussões de gênero que nossa pesquisa ambiciona, se fez necessário apontarmos resumidamente os caminhos que foram traçados para as mulheres romperem mais um espaço, a política. Aqui investimos em alguns apontamentos que antecederam a abertura do voto feminino até sua efetivação, e demonstramos a participação ativa de Anayde pela autonomia feminina e seu posicionamento em defesa do sufrágio feminino.

No segundo capítulo, intitulado “**Libertina, libertária, noiva, amante, professora, moderna: quantas e quais Anaydes?**”, tecemos uma análise acerca dos veículos de memória produzidos sobre ela, que conferem a representação de inúmeras mulheres, e onde múltiplos discursos se convergem na formação da memória e na construção da imagem de Anayde. Aqui optamos por apresentá-la através de outros olhares e falas. A representação social da mulher Anayde lhe rendeu que fosse imortalizada na arte e na literatura, e assim veículos de memória foram produzidos com a intensão de protagonizá-la, porém, tais veículos carregam as crenças e posicionamentos de cada autor, e é justamente essa problemática que buscamos abordar nesse capítulo.

No tópico 2.1, “Anayde imortalizada na arte e literatura: relações livro e filme”, apresentamos nossas fontes e as relações entre elas, afinal, uma foi inspiração para a produção do outro. Aqui apresentamos os gêneros textuais de nossas fontes, realizando um levantamento técnico com o intuito de deixar o leitor familiarizado com as discrepâncias de cada fonte usada.

Já no tópico 2.2, intitulado “‘Muitas atitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses fariseus’: Anayde aos olhos de José Joffily em ‘Paixão e Morte na revolução de 1930’”, nossa análise está voltada para o livro do historiador José Joffily, que foi usado na respectiva pesquisa como fonte e referência, pois é uma obra ornada de informações pertinentes para a nossa pesquisa. O trabalho que aqui empreendemos foi tentar enxergar Anayde através dos olhos de Joffily, analisar o trabalho biográfico que o

mesmo construiu, e ao mesmo tempo discutir os preceitos de memória, e as relações de poder vinculadas à memória. Aqui entendemos as nuances que estão atreladas à construção da memória coletiva de Anayde Beiriz, ou o trabalho empreendido pela sociedade da época de levá-la ao esquecimento. Além de destacarmos a intenção saudosista e de homenagem do autor, de determinar uma imagem de vítima para Anayde.

Na última parte do segundo capítulo, tópico 2.3, intitulado “‘Creem eles que sou trágica, que gosto desse amor que queima’: o contexto histórico acerca de Anayde em ‘Parahyba, Mulher Macho’”, nosso objeto de estudo para muitos caminhos foi o material filmico contido em “Parahyba, Mulher Macho”, que nos propõe um novo modo de enxergar Anayde, enxergá-la dentro de seu corpo insurgente, enxergá-la como dona de si e de seus desejos. A análise que aqui realizamos nos coloca em discussão direta com o papel da mulher no cinema. Dentre outras coisas, o filme nos deu material para discutir gênero a partir da imagem de Anayde que nele é construído através das câmaras de Tizuka (diretora) e problematizando a dose exacerbada de erotismo contida no material, que causou espanto e polêmica. Seria a demonstração de como a mulher sexuada ainda incomoda? Ou de como pode ser perigoso a representação empreendida por Tizuka na constituição de memória? Aqui buscamos enxergar o contexto histórico, polêmico, e a quebra de padrão de gênero que entrelaça a representação construída de Anayde.

Em “**Reminiscências desfeitas de minha mocidade’: Anayde Beiriz, a pantera dos olhos dormentes**”, terceiro e último capítulo de nossa pesquisa, apresentamos um trunfo nesse jogo de olhares e falares acerca de Anayde Beiriz, compreendemos esse capítulo como uma possibilidade de vermos Anayde por ela mesma, na perspectiva daquilo que ela quis deixar saber. Nossa terceira fonte é aqui analisada na perspectiva da “escrita de si”: trata-se do livro “Anayde Beiriz: panthera dos olhos dormentes”. Todavia, fizemos questão de salientar que essa nossa fonte não pode ser entendida como uma “detentora” da verdade, mas como mais uma possibilidade de enxergamos Anayde Beiriz. Nesse livro encontra-se uma série de sessenta cartas que foram trocadas por Anayde Beiriz e seu namorado Heriberto Paiva, entre agosto de 1924 e setembro de 1926. Essa correspondência íntima e secreta por tanto tempo nos confere maior visibilidade aos signos corporais, sensuais e afetivos que

marcam sua imagem nesse contexto, e nos permitem atrelar sua imagem a outros campos, possibilitando novas perspectivas e abordagens, em particular a de uma “escrita de si”, permitindo a análise dos discursos de Anayde e Heriberto enfatizando as construções que demarcam os lugares dos sujeitos, notadamente e especificamente o do feminino.

Na primeira parte deste capítulo, 3.1 “As missivas... Captura do outro... A escrita de si...” buscamos analisar as correspondências marcando as táticas de sedução, a captura de si e do outro, as afetividades do amor-paixão, também foram por nós analisados. Aqui introduzimos nosso olhar pela ótica da sensibilidade, a análise empreendida aqui é poética, assim como é a personificação de Anayde. Através dos discursos encontrados nas cartas, determinamos e analisamos os lugares, a temporalidade e a mentalidade dos sujeitos, detectamos códigos comportamentais, educativos, morais e sensuais, construindo assim uma tessitura de gênero através da “escrita de si”.

Em 3.2 “‘Que fremito lhe percorria o corpo...’: Anayde e sua produção literária”, dentro da pretensão que temos de enxergar Anayde em sua pluralidade, em de seu enredo dramático-professoral-poético-intelectual-feminista-apaixonante, se fez importante darmos destaque a sua produção literária, e é justamente o que aqui fizemos – analisamos alguns textos de Anayde produzidos em momentos distintos e que demonstram sua dizibilidade. Neles percebemos inúmeras questões levantadas pela mesma, desde contos de paixões avassaladoras a textos discursivos em prol da autonomia feminina. Esses textos nos forneceram um desenho caricatural das posturas e posicionamentos de Anayde.

Por último, realizamos uma reflexão daquilo que objetivamos desde o início, vemos Anayde por ela mesma, aquilo que ela quis deixar saber, ou que não disse totalmente, mas que impactou toda uma sociedade e rendeu a ela uma projeção social e a demarcou definitivamente na história das mulheres e da Paraíba. Em 3.3 “‘Sou, na câmara ardente da existência, a lâmpada velada’: Anayde por Anayde”, desabrocha o objetivo da pesquisa, narramos e refletimos a personalidade de Anayde, adotamos por fonte algumas poucas respostas contidas em um questionário, um “diário de recordações”, disponível no acervo pessoal de Anayde e que se encontra com a família Beiriz, mas que tivemos acesso pela pesquisa de Maria do Socorro Nóbrega Queiroga

(2016). Através dessa fonte tecemos as particularidades de Anayde, aquilo que a inscrevia no campo da “anormalidade”, aquilo que a diferenciava das demais moçoilas de sua época. Apontamos suas preferências literárias, os saraus litero-dançantes, e a Anayde como agente histórico. Demarcamos suas pluralidades e o amadurecimento e dizibilidades dos discursos produzidos pelos outros e por ela mesma.

A trajetória de vida de Anayde Beiriz deixou um rastro na história da Paraíba e foi contada em prosa e verso, em poemas, filmes e no teatro, em homenagens e em monumentos: no nome de uma escola, no nome dado a uma rua. Mas, principalmente, nas narrativas de si, pura representação dos momentos de resistência e de lutas vividas intensamente por ela. Enunciados e textos que produziram novos padrões estéticos de existência e de referência, em que não cabem “[...] as posições marginais que fogem à regra [...]” e que, no dizer de Foucault (2002), constituem os anormais contemporâneos.

Não, não estavas enganada, porque por aqui fazia sol: Anayde começava uma trajetória de menina-adolescente-professora-poetisa-feminista. Ou nada disso. Era, simplesmente, Anayde, um nome marcado.

CAPÍTULO I

PARAHYBA DA DÉCADA DE 1920, SEDUÇÃO E ENFRENTAMENTO: OLHOS E OLHARES DE E SOBRE A PARAHYBA QUE ANAYDE VIVEU

“Dolorosas reminiscências do sonho desfeito da minha mocidade”
(Anayde Beiriz, Parahyba do Norte, 1926 *apud* ARANHA, 2005, p. 143).

Rompendo os códigos da tradição, surge à cena paraibana Anayde Beiriz, numa época que oferece terreno propício às ideias e aos movimentos denominados pela historiografia tradicional de "progressistas" ou "revolucionários". O cenário nacional assiste a emergência dos intelectuais ligados ao Grupo Modernista de São Paulo que, com suas ideias vanguardistas, renovam o campo cultural proposto pela Semana de Arte Moderna de 1922. A sociedade brasileira assiste a um processo de transformação social com a entrada da mulher no mercado de trabalho formal, assim como da mentalidade sexual. São mudanças desde inovações tecnológicas a mudanças comportamentais que assustam, pois muitas certezas em torno do sexo, da sexualidade e dos comportamentos começam a ser postas de ponta-cabeça. É um momento de instabilidade principalmente para as cidades mais provincianas, como a Parahyba do Norte, que vive nesse contexto um momento de tensão política e de transição para uma nova cartografia político-eleitoral. Percebe-se nitidamente, e mais especialmente no campo do discurso, uma anunciação do novo, do moderno.

Tratava-se de mudanças que abarcavam inúmeras instituições como as relações de trabalho, o cotidiano e, sobretudo a família nuclear que estava assistindo um novo modelar social, que pairava os comportamentos de homens e mulheres dentro desse cenário provinciano. O papel e lugar tradicional da mulher estava sendo “ameaçado”.

1.1 “Recatada e do lar”: pequena reflexão acerca do papel da mulher no mercado de trabalho

Como e através de que esse modelo e imagem de mulher do lar e recatada estava na Parahyba tensionado? Para entendermos essa questão faz-se necessário adentrarmos

na conjuntura econômica da Parahyba do Norte (atual João Pessoa) e sua relação com a estrutura econômica do Brasil na década de 1920. Segundo José Joffily (1980), a Paraíba da década de 1920 estava respaldada em uma economia baseada na agricultura de subsistência e na exportação de café, algodão e açúcar. Todavia, parte dessas lavouras foram consumidas por uma praga(especificamente a lavoura do algodão), cujo resultado foi a queda na produção, rendendo ao estado uma imersão em uma crise econômica interna.

No que diz respeito a população e seu “bem estar”, temos a dura realidade sertaneja de moradias hostis, que se configuram em pequenos casebres sem água ou energia elétrica, sem nenhum indício de saneamento, e o pouco interesse dos governos em investir na educação da população, realidade que se repousa sob o dado de 77,7% de analfabetos, ou seja, o povo pobre é necessariamente o povo sem instrução e sem acolho algum (JOFFILY, 1980, p. 19).

Tantas problemáticas sociais rederam o infortúnio da fome, que resultou em uma alta significativa na taxa de mortalidade de sertanejos em variadas faixas etárias, sobretudo a infantil. Esse quadro era resultado do predomínio da atividade mercantil, onde o poder de compra estava diretamente alimentado pelos proprietários rurais. Nas usinas e nos engenhos, o comércio era exclusivamente dos tradicionais barracões espoliadores dos trabalhadores que, sem terras ou sem outros modos de trabalho, tornavam-se potenciais dependentes desses proprietários.

Joffily (1980) faz menção a um modelo social da Parahyba do Norte constituído na década de 20 pelos chamados privilegiados urbanos, formados, sobretudo, por burocratas e grandes negociantes que importavam produtos estrangeiros. Os profissionais liberais também emergem na capital fazendo barulho na divulgação de seus interesses.

Anayde esteve inserida dentro desse cenário de gritante desigualdade social, cujos reflexos do ponto de vista moral resultavam em uma sociedade extremamente patriarcal e conservadora. Anayde Beiriz, mulher articulada e, digamos, à frente de seu tempo, rompeu e transgrediu o papel social destinado a ela e a outras mulheres por essa sociedade provinciana que relutava em admitir que a mulher se inserisse no mercado de trabalho, espaço predominantemente e tipicamente masculino. Assim, as mulheres eram reservadas aos espaços de submissão, restando-as as prendas domésticas e o cuidado

com a família, levando-se em consideração que as mulheres eram tidas como seres reprodutores e assexuados. Todavia, Anayde, a partir do seu lugar social, teve para si reservado o privilégio de uma formação escolar na primeira escola de formação pedagógica da capital. Eram notadamente outros tempos que surgiam para essas mulheres da capital e com ele enfiamentos de um tempo e um papel social anterior que se esboçavam.

Nas ciências, as que “optavam” por estudar tinham destino certo, a Escola Normal, escolas preparatórias para o magistério. Para as moças que conseguiam estudar, a única opção de trabalho era exercer o magistério para crianças. Nessa época não havia universidades no estado, apenas o seminário diocesano. A situação da mulher no período e recorte espacial em que se insere nossa personagem é descrito por Joffily (1980, p. 34):

Dentro de uma conjuntura socioeconômica tão primitiva, primitivo haveria de ser necessariamente o código de honra patriarcal, configurado por um princípio ético de a mulher devia ser bem “protegida”, deveria se portar como uma criatura passiva e assexuada, a semelhança de uma “sinhazinha” ao tempo da escravidão [...].

A sociedade paraibana, extremamente patriarcal e conservadora, se mostrava ainda intolerante ao acesso da mulher ao mercado de trabalho. Nesse contexto, o gênero feminino mantinha seu espaço recortado, delimitado, restando os espaços de submissão, ao privado doméstico e suas instruções como costuras, bordados e outras prendas domésticas. Sobre essa condição e “moral doméstica”, Margaret Rago (1985) nos confere maior visibilidade ao descrever o universo do trabalho feminino no Brasil nesse período. A autora, ao debruçar-se sobre as condições da mulher operária e das inovações modernas que pairavam novos ares em inúmeras instituições sociais, sobretudo a familiar, nos alerta: “A invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais, como atesta a permanência de antigos tabus como o da virgindade” (RAGO, 1985, p. 63).

Tais exigências morais apontadas pela autora encontram eco na história de Anayde Beiriz. Levando em consideração que Anayde Beiriz era uma mulher ousada, libertária, articulada, intelectual e espontânea, desfez os laços e as “inocentes tranças do cabelo”: quis um modelo *à la garçonne*, respeitando seus sentimentos e os desejos de

seu *corpo insurgente*¹, quando parte da sociedade a queria como pacata, silenciosa e até introspectiva. Foi tida como um ser transgressor das tais regras, julgada e perseguida como a maioria das mulheres que ontem e hoje ainda são quando rompem os espaços de submissão destinados a elas.

Sobre as pressões e o preço pago pelas mulheres quando insurgiram na vida pública e desafiavam as regras, Rago (1985, p. 63) observa que:

[...] ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes do marido extenuado pelas longas horas de trabalho. Todo um discurso moralista e filantrópico acena para ela, de vários pontos do social.

Essa mulher pecadora e culpabilizada como descreve a autora, era também o retrato da mulher paraibana da década de 20, a exemplo da própria Anayde e outras anônimas em igual condição. Na Parahyba do pós-20, mesmo com as inovações tecnológicas e as ideias modernas que adentravam na sociedade provinciana gritando ares de mudanças, uma sociedade como a descrita não estava preparada para tais mudanças, isso fica evidente quando analisamos que naquele contexto não se abrem amplas perspectivas profissionais para as mulheres, afinal, sua condição e seu lugar social não permitem que as mesmas tenham uma educação que não seja de prepará-las para a vida doméstica, privada, afinal esse é seu espaço de pertencimento dentro desse cenário. É um embate de *signos em confronto*², o arcaico e o moderno se digladiavam dentro da estrutura social descrita.

A “sensibilidade” modernista contribuiu para o processo de desterritorialização de subjetividades e de construção de novos territórios, tendo contribuição das transformações urbanas, da conquista de determinados espaços públicos para a mulher. As classes dominantes se deslumbravam com o progresso tecnológico da modernidade, mas não estava habituada à “ruína moral” que esse processo poderia provocar. Anayde, captando formas e conteúdos desse movimento, denuncia o isolamento e a humilhação a que eram submetidas as mulheres, como no caso da limitação no mercado de trabalho, sobre isso Mariza Pinheiro (2008, p. 11) nos aponta:

¹ ABRANTES, Alomia. **Anayde Beiriz e seu corpo insurgente...**

² MARIANO, Serioja. **O arcaico e o moderno na Princesa (PB) nos anos vinte...**

[...] o ar do descontentamento social, contra o tradicional sistema oligárquico dominante, germinou um espírito de novos tempos e a consciência de uma nova mulher. Envolvidas neste sentimento moderno as novas mulheres deixavam o lugar do privado para trás e exigiam a participação em novos espaços para a efetivação da emancipação feminina.

Essa postura de mulher independente, uma imagem de mulher em oposição ao modelo e papel tradicional, nos remete novamente às leituras que nos apresenta Margareth Rago (1985, p. 45) quando nos faz observar que nesse contexto de transição de comportamentos, aquela mulher que não preenchesse os requisitos e estereótipos estipulados pela natureza inscrevia-se no campo sombrio da anormalidade, do pecado e do crime. Situação também acompanhada e denunciada por Simone de Beauvoir: o pudor e o silêncio, eis as virtudes cardeais da mulher (1949 *apud* PERROT, 2003, p. 21), ou pelo menos o estereótipo atribuído ao espaço e imagem do feminino no recorte temporal exposto. Quando se fala em relações de gêneros, entende-se nesse conceito o significado das diferenças sexuais, incutidas no caráter social, cultural e histórico. Segundo Peter Stearns (2007), os valores de gênero são profundamente pessoais, partem da identidade pessoal e social, nesse sentido, os sujeitos podem ser relutantes em substituir ou não seguir padrões que definam sua feminilidade ou masculinidade, foi o caso de Anayde, ao resistir às normas estabelecidas pela sociedade paraibana.

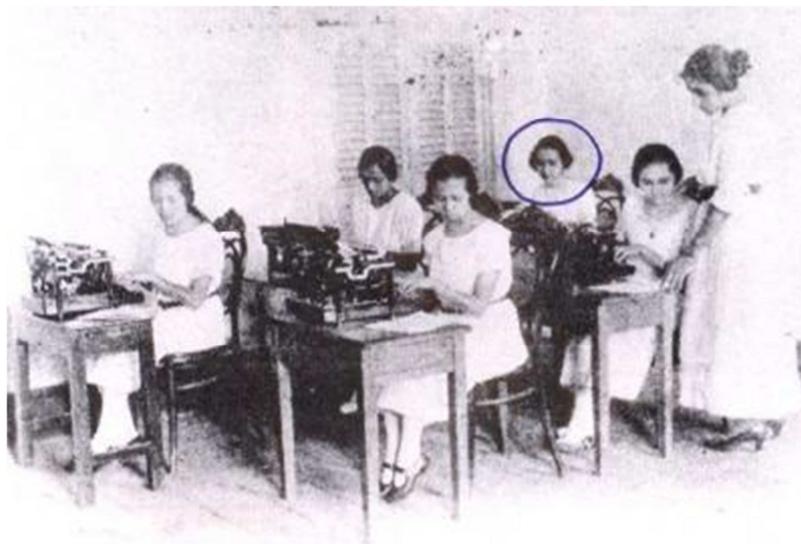
Esse mecanismo de controle e definição de papéis ditos arcaicos, pregava os moldes tradicionais nas entranhas da sociedade, limitando as mulheres aos espaços tipicamente ocupados por elas, o exercício do lar e a função sagrada da maternidade, impedindo-as adentrar e se efetivar como ferramenta social no mercado de trabalho.

Ao exigir o confinamento da mulher à esfera privada da vida doméstica, alienante e redentora, os militantes e trabalhadores em geral contribuíram para firmar sua própria posição social no processo produtivo, valorizando a força de trabalho masculina, qualificada ou não (RAGO, 1985, p. 64).

Nesse caso, a relação de trabalho no contexto social brasileiro, e especificamente paraibano da década de 20, estava respaldada pelo gênero e não na perspectiva da instrução/qualificação. Anayde Beiriz, absorvendo a realidade machista que estava inserida, voltou-se para a única esfera que “abraçava” a mulher não proletária, o

magistério. Diplomada pela Escola Normal em maio de 1922, Anayde se destacou como primeira da turma, mesmo sendo a mais a jovem no auge dos seus 17 anos de idade. No mesmo ano inaugurava-se na Paraíba o primeiro curso de datilografia, no qual a mesma logo se matriculou. Todavia, foi nesse espaço reservado a um tipo de mulher, a comportada, a recatada do público, que a mesma se apresenta com um comportamento de exceção, dando margem para o conflito e a tensão.

IMAGEM 1: Anayde Beiriz em ambiente da escola de datilografia (Escola Remington)



Sobre a imagem acima, frisamos alguns aspectos de normatização do corpo feminino: temos uma turma formada apenas por mulheres, afinal, uma sociedade como a descrita recortava e limitava espaços, determinando-os e diferenciando-os para homens e mulheres. Na imagem também damos destaque para os cabelos das mulheres ali representadas, temos apenas Anayde com cabelos curtos. Os cabelos curtos de Anayde despertavam preconceitos e ações de violência, mas simbolizavam precisamente a liberdade almejada por muitas mulheres naqueles anos. É válido destacar que representações de gênero também orientam os comprimentos dos cabelos, conforme analisa Michelle Perrot (2007).

Mesmo mostrando-se talentosa, a mestra Anayde foi reservada a única oportunidade profissional possível: lecionar em Cabedelo, na vila de pescadores, uma vila sem luz elétrica da colônia Z2, onde a ausência de professores era evidente, levando em consideração que o público alvo era de jovens e adultos, lembrando que o magistério

era voltado apenas para as crianças, especialmente para o gênero feminino, como lembra Joffily (1980, p. 20):

[...] moça prendada sempre arranjava bom casamento... fora daí só o magistério para as crianças, de preferência meninas, naturalmente. Estávamos no apogeu do esquema de dominação macho-fêmea. A luxúria do pecado era um pesadelo satânico.

Como “castigo” por sua vida de luxúria, o magistério de Anayde era uma punição. Mas esse campo de apogeu da dominação macho-fêmea de que fala o autor estava sendo tensionado: o domínio do saber letrado, o uso da máquina de escrever, deixavam suas marcas.

1.2 “Os anos da mulher moderna”: um pequeno passeio pelas imagens femininas na década de 1920 no Brasil e na Parahyba do Norte

Objetivamente, as relações sociais se atrelam às riquezas que estão próximas às pessoas, carregadas da aparente trivialidade do cotidiano. Assim, torna-se interessante analisar as “pequenas coisas” que são as coisas do cotidiano, e é por elas que a história é construída, não somente por grandes fatos e nomes, mas principalmente por pessoas comuns e por seus hábitos e rituais diários. Como exemplo do que compreendemos aqui por indivíduos comuns temos Anayde Beiriz, representante da participação feminina na vida cotidiana, urbana e pública na Parahyba do Norte nas primeiras décadas do século XX.

O período específico de “publicização” da vida de Anayde vai de 1920 a 1929, adentrando nos primeiros anos de 1930. Tempo conhecido como “entre guerras”, e época de consolidação dos Estados Unidos como grande potência mundial, freado apenas pelo *crack* da bolsa de valores de Nova York, em 1929. O *crack* teve reflexo em todo o mundo, inclusive na Europa, que ainda se recuperava das perdas sofridas durante a Primeira Guerra Mundial.

No Brasil, a década de 20 ficou marcada pela Semana de Arte Moderna, em 1922, cujo objetivo era renovar o ambiente artístico e cultural da cidade de São Paulo, com a perfeita demonstração do que há em nosso meio em escultura, arquitetura, música

e literatura sob o ponto de vista rigorosamente atual. Poetas como Anita Malfatti, Di Cavalcante, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira tiveram participação marcante no movimento. Mas não foi só a arte que trouxe “modernidade” ao Brasil. Com a transferência da capital federal para o Rio de Janeiro, personalidades da política reivindicavam mudanças na cidade que pudessem condizer com os novos tempos e com a imagem que esta possuía perante o mundo. Assim, o cais do porto, as ruas do centro e as áreas pantanosas deveriam ser reconfigurados e as epidemias, constantes na época, precisavam ser extintas, seria uma engenharia sanitária moral. Esses ares de modernidade se estenderam para o resto do país, e as influências urbanísticas e culturais chegaram à provinciana Parahyba do Norte, e refletiram em mudanças além de urbanas, mas sobretudo alterando os códigos sociais e políticos.

Todavia, é necessário evidenciar as tensões e ambiguidades que marcaram a imagem moderna da mulher no período de 1920 a 1930. A modernização da década em questão é também marcada pela ambiguidade. Além de trazer a preocupação com a ideia de moderno, o período em si foi o esboço, também, de uma série de tensões, como a revisão dos papéis que os homens e as mulheres “deveriam” assumir, entre o moderno e o tradicional, entre o ideal burguês e os valores da população assalariada. Porém, essa tensão vai muito além da ideia de dominação, de modernização imposta. Segundo Serioja Mariano (1999), havia uma dialética dúbia entre o que era considerado moderno e o que era tradicional.

Essa nova mulher é moderna e causa espanto com suas atitudes consideradas avançadas para seu tempo. Há uma quebra da hierarquia do público-privado, e a mulher começa a ser vista passeando sozinha pelas ruas dos grandes centros. Esse comportamento extrapola o politicamente correto já que correto seria o homem sair para o espaço público enquanto a mulher dedicar-se-ia somente às tarefas domésticas. Com a mulher tornando-se “moderna”, essa hierarquia “correta” é invertida. As mulheres ganham o espaço público, vão sozinhas às ruas, fazem compras sem acompanhante algum. Essa inversão gera um questionamento, e muitos homens desejam que a mulher retorne ao lar e continue com as tarefas antes estabelecidas. É o receio que as senhoras ocupem o lugar dos homens na sociedade, fazendo com que a igualdade dos sexos passasse a ser discutida como nunca antes havia sido. Esse processo foi acompanhado pela imprensa; periódicos diversos, em especial nos grandes centros urbanos.

Mesmo distante do que podemos chamar de “centro” desse ambiente moderno e modernizador, Anayde Beiriz é, na Paraíba, ícone da mulher ousada e determinada. Professora, poeta, ensaísta, tornando-se musa do modernismo paraibano, imortalizada na arte e na literatura (produções cinematográficas e literárias). Destacou-se como uma mulher emancipada para os costumes de sua época ao expressar sua sensibilidade poética nos idos de 1920. Precursora de novas modas, ao usar decotes, corte de cabelo *à la garçonne*, lábios pintados de vermelho, ao fumar, ao andar desacompanhada na rua e ao viver a paixão em sua plenitude (discurso retirado do documentário “Anayde Beiriz e João Dantas: um romance nos anos 30”).

Na Paraíba, percebe-se uma certa agitação cultural expressa na ascensão da classe média que, mesmo não sendo revolucionária, com moldes reformistas identificava-se com o novo através do chamado grupo dos *Novos*, com a efervescente revolução dos costumes dos anos 20. Abriam-se novos espaços às letras e às artes. Na imprensa, órgão central da propagação da emergência sociocultural que predominava na região, a nova ordem surgia revolucionando o espaço urbano e o comportamento dos mais jovens antenados com as novas tendências, na moda, na arte e na literatura. Anayde Beiriz sentia-se familiarizada com os ares modernos, influenciados por intelectuais lyceanos que atuavam também na Escola Normal. Vários escritores, professores e jornalistas aderiram ao moderno (MELLO, 2002, p. 169). A ideia de novos tempos e de emancipação feminina se sedimentava em muitos seguimentos que se expandiam pelo país vindo do Rio de Janeiro, a capital cultural do Brasil. Logo depois eclodindo em São Paulo, com a Semana de Arte Moderna.

Segundo Mello (2002), a influência da conjuntura do movimento vanguardista na Paraíba do Norte foi representada pelo grupo dos *Novos*, da qual participava o carioca Amaryllo de Albuquerque, que vinha à cidade para organizar os saraus litero-dançantes. Participavam das reuniões os intelectuais Perilo D’Oliveira, Orris Barbosa, Eudes Barros, Silvino Olavo e Severino Alves Aires, Raul de Góes, Samuel Duarte, Demetrio Toledo. Anayde, frequentadora e declamadora de poemas nos saraus, a única mulher do grupo dos *Novos*, rompeu os espaços estipulados e impostos a ela.

A significativa urbanização na província paraibana também é registrada na imprensa local. Evidenciam-se: *A União*, *A Imprensa*, *O Norte*, *O Correio da Manhã*,

que além de noticiarem o sucesso da burguesia e as críticas dos deslizes dos governantes, serviram de espaço para as vozes das mulheres, antes caladas e oprimidas.

A mulher, mal remunerada nos seus esforços, mal compreendida nas suas aspirações, mal satisfeita nos seus afetos, foi perdendo aquela docilidade e timidez de caráter. [...] foi procurando se libertar do domínio do homem, a quem ambicionava não como senhor, mas como amigo e companheiro [...]. E uma noite de lágrimas sufocadas teve como aurora uma coesão de sentimentos revoltados que recebeu o estratégico nome de feminismo (EUDÉSIA VIEIRA *apud* ARAÚJO, 1995, p. 78).

Sob essas influências, Anayde, também adepta das letras e motivada pela abertura às mulheres na imprensa, passou a defender publicamente a emancipação feminina, publicando contos, poesias e expressando sua opinião enquanto a participação das mulheres na esfera política. Foi colaboradora das revistas *Belém Nova* (Pará), *A Pilhéria* e da *Revista da Cidade* (Pernambuco), *Era Nova*, *O Jornal*, *Revista da Semana* (Paraíba) e *Jornal da Moças*, identificadas com o movimento modernista.

Segundo Maluf e Mott (1998), de modo geral, no país, as mulheres estimuladas pelos ares da urbanização reivindicavam a igualdade de formação para ambos os sexos e foram transmissoras de ideologia através dos diversos periódicos destinados ao público feminino que surgiram na década de 1920. As publicações eram ricamente ornadas com vinhetas e ilustrações.

Morais (2002, p. 69) registra a participação das mulheres na imprensa feminina desde o século XIX, como espaço de conscientização da condição da mulher, utilizados inicialmente como tática para que fossem disseminadas sutilmente as reivindicações femininas. Dentre os periódicos estão: *O Belo Sexo* (1862); *Biblioteca das senhoras* (1874); *O Bisbilhoteiro* (1862); *Eco das damas* (1879); *Recreio do belo sexo* (1856), e tantos outros.

Esse novo modelar social deu margem a uma contribuição importante para a efetivação da emancipação feminina, como a luta pela conquista do voto feminino, a instrução feminina, a proteção às mães, à infância e garantias para o trabalho feminino, e Anayde, com a representação social que construiu, teve participação ativa nesse cenário.

Os efeitos desta atmosfera cosmopolita repercutiam na cidade paraibana e disseminavam o abandono às amarras do passado, o desejo de soltar-se das amarras dos modos provincianos, incutindo o sonho de uma sociedade moderna.

1.3 “Na trama do destino”: tensão e conflitos políticos na Parahyba e no Brasil nos anos 20

Para abordarmos a Paraíba dos anos 20, contextualizamos brevemente o momento político do Brasil. Neste período tiveram destaque significativos para a sociedade brasileira e também para a Parahyba do Norte, a cultura e a política. No que diz respeito a política, damos destaque para a fundação do Partido Comunista Brasileiro em 1922, a fundação do Partido Democrático de São Paulo em 1926, formado pela oligarquia paulista, o chamado movimento tenentista, as lutas anarquistas e socialistas etc.

Na cultura, a Semana de Arte Moderna proporcionou o desenvolvimento de inúmeras artes, como a literatura, a poesia e a música, que traziam consigo os ares de modernidade que adentraram em muitas instituições sociais. A Semana de Arte Moderna objetivava dar ênfase a uma cultura de raízes brasileiras, nesse aspecto destacaram-se intelectuais como Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Heitor Villa Lobos, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral. Nossa personagem, Anayde Beiriz, foi significativamente influenciada por este movimento.

No referido período, as conjunturas políticas passavam por ares de insatisfação, que estavam repousadas, sobretudo, nas pressões promovidas pelas oposições civis, militares e de ordem interna. As divergências do regime começaram a crescer a partir de 1922, quando o PRM (Partido Republicano Mineiro), com a indicação de Artur Bernardes, governador de Minas Gerais e candidato à presidência, se sente insatisfeito por não receber o apoio político dos partidos republicanos do Rio Grande do Sul e outros estados, o resultado desse fato foi a divisão do partido nos estados da Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Tal divisão desencadeou o surgimento de um outro e novo partido, uma espécie de Reação Pernambucana, que tinha como candidato Nilo Peçanha.

Como se não bastasse as desarticulações de partidos e surgimento de outros, os ares de insatisfação chegaram aos quartéis. Os quartéis e os tenentes iniciaram algumas revoltas que marcaram a história brasileira – tais revoltas se configuraram, por exemplo, na Rebelião no Forte de Copacabana em julho de 1922, além dos tenentes da Coluna Prestes, e os movimentos operários.

No final da década, o Brasil enfrentava uma grave crise política e econômica. O então presidente Washington Luiz (1926-1930) lançou em 1929 o nome de Júlio Prestes como candidato à presidência. Em Minas, a indicação foi vista com bons olhos, se levarmos em consideração a política do café-com-leite vigente naquele período, pois chegava o momento do Brasil ser governado por um presidente mineiro. Tal indicação gerou algumas problemáticas, pois os governadores da própria Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba ficaram insatisfeitos, e em contrapartida, formaram a Aliança Liberal e lançaram a candidatura de Getúlio Vargas à presidência, chapa que tinha como vice o presidente do estado da Paraíba, João Pessoa de Albuquerque.

As eleições ocorreram e resultaram na vitória da chapa de Júlio Prestes. Alguns representantes mais jovens das oligarquias oposicionistas entenderam o resultado da eleição como fraudulento, e estavam dispostos a romper com o pacto entre as oligarquias conseguindo apoio dos tenentistas e dos populares. Com a morte de João Pessoa (fato que surgiu como precedente para o golpe), se desencadeou a chamada Revolução de 1930, episódio tão visitado pela nossa historiografia.

Porém, o que nos interessa é o “protagonizar” de Anayde Beiriz no contexto dessas lutas e tensões que culminaram com o episódio da chamada Revolução de 1930³. Já que é esse o palco onde se encenaram os acontecimentos que inscreveram seu nome na história da Paraíba.

A Paraíba vivia o período de maior agitação de sua história política, pois participava ativamente do período “pré-revolução”. A Aliança Liberal, formada pelos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e a própria Paraíba, unida para “desmontar” a chapa de Júlio Prestes e enfrentar o mesmo na presidência das eleições de 1930. Como já citado, o vice da chapa formada para enfrentar Júlio Prestes era justamente João Pessoa presidente do estado da Paraíba (tendo como “cabeça” de chapa

³ Ver “Trinta - a falsa revolução” de Otávio Augusto Sitônio Pinto, 2010.

Getúlio Vargas). O mesmo enfrentava um conflito interno, a Revolta de Princesa, liderada pelo coronel Zé Pereira (José Pereira de Lima).

Nem só de fatores econômicos e políticos é feita a História. Questões pessoais são o alicerce do embate político entre José Pereira de Lima e João Pessoa. Quando João Pessoa quis ser candidato, pela terceira vez, José Pereira tentou levantar a candidatura de Francisco Pessoa de Queiroz, sobrinho do ex-presidente da República, ou de Júlio Lira, para presidente da Paraíba. Dessa vez, João Pessoa logrou ser escolhido pelo tio como candidato. João Pessoa nunca perdoaria José Pereira por essas articulações políticas em detrimento de seus interesses oligarcas, como pretensão sucessor do tio Eptácio⁴.

Em Princesa, José Pereira ponderou a João Pessoa que tirasse também Carlos Pessoa da chapa, e, em seu lugar, colocasse Assis Chateaubriand. Não foi atendido e o rompimento tornou-se inevitável. Poucos dias depois, José Pereira telegrafou a João Pessoa comunicando sua decisão de liberar seus amigos para votar em quem quisessem, quando faltavam poucos dias para as eleições. Em Teixeira, cidade da mesma região fisiográfica de Princesa, a família Dantas tinha o comando político e sempre fora opositora de João Pessoa e dos Pessos.

O ex-presidente João Suassuna tinha um laço matrimonial com a família Dantas, mas era partidário de João Pessoa. Fora também expurgado da chapa e era o candidato de José Pereira a deputado federal. Suassuna tomou a mesma atitude de José Pereira, rompendo com João Pessoa. Em represália, o presidente despachou uma tropa policial para Teixeira, sob o comando de um desafeto dos Dantas – o tenente Ascendino Feitosa, que levava um murro na cara, desfechado por Silveira Dantas, chefe político de Teixeira, quando fora delegado naquela cidade (à semelhança do que houvera entre o cunhado de José Pereira e o pai de João Pessoa). Os Dantas sempre foram opositores da oligarquia Pessoa.

O tenente Ascendino tivera que sair de Teixeira, e agora voltava plenipotenciário – com um telegrama do presidente João Pessoa nas mãos: “Todo membro família Dantas, encontrar armas na mão, fuzile”. Ascendino prendeu os Dantas, inclusive senhoras, que manteve reféns. Diante disso, José Pereira enviou para Teixeira um grupo de seus homens que mantinha em Princesa para combater cangaceiros. Esse efetivo fora

⁴ Idem.

reforçado no tempo da Coluna Prestes, quando foram criados, no sertão, os “Batalhões Patrióticos”, armados e municiados pelos governos para dar combate aos revoltosos. O grupo que saiu de Princesa para Teixeira era comandado por Luís do Triângulo, e resgatou os Dantas prisioneiros, pondo o destacamento de Ascendino em debandada. Tinha início a Guerra de Princesa, que seria proclamada Território Livre, com exército, constituição, hino, bandeira e Diário Oficial.

O acirramento das tensões gerou um estado de guerra.

A Guerra Civil de Princesa foi sangrenta, perdendo a polícia 151 homens. Foi o segundo conflito brasileiro em que se empregou aviões das forças do governo do Estado (o primeiro foi a Revolução Paulista de 1924). A família Dantas tinha um notável advogado na Capital, João Dantas, que fora sócio de José Américo (este, alçado ao cargo de secretário de segurança de João Pessoa). Também fazia parte do escritório o advogado João da Mata. José Américo considerava João Dantas “o maior advogado de seu tempo”.

O conflito se deu na cidade de Princesa Isabel, cidade do sertão do estado, onde o então coronel Zé Pereira se rebelou contra as práticas políticas e econômicas do então presidente do estado, João Pessoa, sobretudo a sua não indicação à Câmara dos Deputados, fazendo com que o coronel se sentisse excluído, tal sentimento fez com que o mesmo declarasse apoio aos perrepistas. Para afronta, o coronel Zé Pereira adotou a medida radical de convocar 150 jagunços, expulsar os soldados do governo, juntamente com o presidente da câmara municipal e o prefeito da cidade, e declarou a cidade de Princesa Isabel independente do estado da Paraíba. Enfrentou grandes conflitos e resistiu bravamente durante 5 meses. O conflito só teve fim com a morte de João Pessoa em 1930, quando o então presidente Washington Luís enviou 600 soldados à referida cidade e o coronel não ofereceu resistência.

Os desdobramentos da guerra colocaram João Dantas em evidente situação de conflito.

A segurança física de João Dantas, noivo de Anayde e aliado de José Pereira, tornou-se crítica na Capital, e ele teve de se evadir para o Recife, onde se hospedou na residência do cunhado Augusto Caldas. Seu escritório/residência foi arrombado pela polícia da Paraíba, seus documentos e correspondência íntima tornados públicos, as cartas de sua noiva Anayde Beiriz expostas no quadro de avisos de *A União* e na

Chefatura de Polícia, tais cartas circularam e causou grande incômodo aos padrões exigidos aquela sociedade, o que é um contrassenso, afinal, os ares modernos se manifestavam em inúmeras esferas do social na província, mas o episódio da exposição das cartas denunciava que as transformações não desestruturavam os elos da dita moralidade, arquitetados sobre o patriarcalismo. O amor expresso em forma literária e poética foram determinantes para a construção de papéis: de devassa à professora e de imoral ao advogado.

João Pessoa viajou ao Recife, onde João Dantas o matou na Confeitaria Glória, depois de se apresentar: “João Pessoa, eu sou João Dantas, a quem tanto humilhaste”. A apresentação fazia necessária, pois os dois não se conheciam, o embate entre ambos era ideológico.

Embora João Dantas não exercesse nenhuma outra atividade além da advocacia, e jamais tivesse disputado qualquer mandato eletivo, desempenhava importante papel nas hostes políticas de oposição ao presidente João Pessoa, ora combatendo-o com artigos virulentos, ora encorajando a resistência da luta em Princesa sob o comando único e absoluto de José Pereira (JOFFILY, 1980, p. 64).

Eis como o professor Joaquim Pimenta (1949) recorda a tragédia da Confeitaria Glória:

Umedecem-me os olhos de emoção só em recordar aqui o que foi Recife naquela tarde de luto, de revolta, de desespero. Homens de todas as categorias sociais, velhos, mulheres, crianças, era como se os tivesse sacudido o sopro de uma grande desgraça. Em cada canto da cidade e dos subúrbios, dos palacetes aos mocambos, ouvia-se repetido de boca em boca, ressoando como estribilho macabro, muitas vezes, estrangulado pelo pranto: mataram João Pessoa!⁵

Após a tragédia na confeitaria, João Dantas e seu cunhado Augusto Caldas foram levados à casa de detenção de Recife. Anayde, envolvida “sem querer” nos fatos trágicos daquele dia e tida como culpada, “a prostituta do assassino”, a professora já “fitava” o destino que a esperava – a mais dolorosa travessia de Anayde seguiu-se a 6 de outubro de 1930, quando seu noivo João Dantas “suicidou-se” na prisão. Esconjurada pelo clamor público, não foram ouvidas suas súplicas para ao menos saber onde o

⁵ Cf.: JOFFILY, op. cit., p. 51.

enterraram (JOFFILY, 1980, p. 52). Enquanto criaturas normais, dilaceradas pela dor da perda, passam geralmente 3 dias sem sair de casa, era justamente em casa que Anayde não podia ficar.

Existem inúmeras incógnitas a respeito da morte de João Dantas, a própria família Dantas até hoje nega o suicídio, e aponta como um assassinato⁶. A partir destas constatações teria maior cabimento levantar dúvida em torno do óbito de Anayde Beiriz, em cujo atestado oficial se lê, unicamente, “envenenamento”. Nada disso porém preocupou os remanescentes do perreplismo. Fingindo ignorar o infortunado romance, puritanos e puritanas, todos patriotas, é claro, fugiram do assunto como o culpado da justiça, evitando tocar no caso que se lhes afigura “um poço de lama e pecado” (JOFFILY, 1980, p. 55). Assim ficou Anayde à mercê do veneno dos conservadores, a omissão de uns alimentando a infâmia de outros.

Tudo leva a crer que Anayde, em seu último refúgio, aproveitava a mofina exigência para perpetuar, no papel que assumiu, sua imensa mágoa e angustiosa expectativa, vivida durante o período de resistência armada da casa de detenção e a morte do companheiro de infortúnio, juntamente com o amigo Augusto Caldas. Todos os três sentiam o peso do ódio do seu próprio povo⁷.

1.4 “Elevamos a mulher ao eleitorado”: o sufrágio feminino pela autonomia do voto

Agora que nos situamos no momento político e nas tensões sociais vivenciadas na Parahyba do Norte no período que antecedeu a chamada revolução, nossa pesquisa se vislumbra sobre os caminhos que foram traçados e as discussões que perpassam os gêneros e códigos comportamentais que entrelaçam os sujeitos, sobretudo na participação ativa das mulheres no meio político, ambiente tipicamente masculino, que limitou as mulheres por tanto tempo.

⁶ Ver o documentário: “Anayde e João Dantas, um romance na revolução de 1930”. Este documentário foi produzido pelo Curso de Comunicação em Mídias Digitais (UFPB). Direção Emanuel Limeira & Lays Amaro.

⁷ As informações sobre as articulações e desarticulações de partidos, assim como as efervescências políticas que o Brasil e a Paraíba passavam, como o embate político e pessoal entre os Dantas e os Pessoa, se encontram em: <<http://paraibanos.com/joaopessoa/doc/1930-a-falsa-revolucao-otavio-sitonio.pdf>>, livro de autoria do jornalista e escritor Otávio Augusto Sitônio Pinto, publicado em 2010.

O primeiro Código Civil brasileiro, aprovado em 1916, reafirmou muitas das discriminações contra a mulher. Escreveu a professora Lígia Quartim de Moraes (2003):

Com o casamento, a mulher perdia sua capacidade civil plena. Cabia ao marido a autorização para que ela pudesse trabalhar, realizar transações financeiras e fixar residência. Além disso, o Código Civil punia severamente a mulher vista como ‘desonesta’, considerava a não virgindade da mulher como motivo de anulação do casamento (...) e permitia que a filha suspeita de ‘desonestidade’, isto é, manter relações sexuais fora do casamento, fosse deserdada.

As mulheres casadas (ou sob o pátrio poder) eram consideradas incapazes juridicamente, como as crianças, os “deficientes mentais” e os mendigos.

Assim, a extensão do voto às mulheres significava e significa, ainda hoje, o acesso aos canais de decisão, executivos ou legislativos e, nesses, a fundamental possibilidade de serem tratadas questões femininas, de serem legislados assuntos relativos às mulheres, através da ótica das mulheres, sejam referentes ao direito do trabalho, aos direitos sociais, culturais, da personalidade, de família, reprodutivos etc. Logo, para as mulheres, votar e poder eleger suas pares, ou mesmo candidatos homens comprometidos com as causas femininas, constituiu e constitui o direito político por excelência, aquele que lhes permite ter maior força e legitimidade no encaminhamento, justificativa e defesa de projetos atinentes às mulheres (direitos específicos) e à sociedade em geral.

Segundo Gisela Maria Bester (1997), embora em nossa primeira Constituição Republicana (a de 1891) não houvesse nem concessão nem negação explícita do direito ao voto feminino, essa omissão do texto deu margem a uma interpretação que tomou no sentido literal os termos usados no masculino (que o texto não esclarecia o gênero do eleitor), ou seja, a interpretação foi restritiva, pecando inclusive contra outro artigo que continha a famosa prescrição liberal de que “todos são iguais perante a lei”. Na verdade, tal interpretação vinha ao encontro da ideologia reinante na época (no mínimo, patriarcal e conservador). Assim, acabou por considerar as mulheres como cidadãs de segunda classe, não eleitoras e tampouco elegíveis.

Nesse quadro de exclusão é que se inseriram as lutas das mulheres brasileiras pelo direito ao voto. Desde meados do século XIX, as mulheres começaram a tentar

romper o cerco que as envolvia e conquistar seus direitos políticos. O voto feminino foi um dos temas tratados pelos deputados que elaboraram a primeira Constituição Republicana de 1891. Contudo, o texto final acabou não deixando clara a situação política da mulher. Ele não proibia explicitamente o voto feminino, mas também não o garantia de maneira cristalina. A ambiguidade na redação permitiu que a grande maioria dos legisladores e o próprio poder judiciário interpretassem ao seu bel prazer o que pretendiam os constituintes. O resultado foi que as mulheres tiveram recusado o seu direito ao voto por várias décadas.

Diante dessa afirmação nos é conferido maior visibilidade acerca da vida das mulheres no referido período, que tinham seus espaços limitados e estipulados, tidas como coadjuvantes na trama de suas próprias histórias, tendo como protagonistas os homens. Diante do exposto, podemos conotar que o gênero feminino vivia em função do gênero masculino.

Na Paraíba da década de 20 a maioria esmagadora das mulheres não tinha acesso à educação e muito menos ao trabalho ou sequer ao voto, ou seja, para as mulheres o que restava era o espaço privado. Em um período onde os sujeitos eram conduzidos por regras de comportamento que determinavam espaços para ambos os gêneros, não é de nos admirar que a política era um campo estranho às mulheres, isso se consolida com a realidade da prática do voto ser proibida.

A evolução é sempre intermitente, muitas vezes aleatória e até contraditória, em suma, o ritmo do progresso nas sociedades provincianas é variante. Nesta esfera não sofria variações o pensamento de Anayde sobre o privilégio do voto masculino. Tanto é assim que contestou o ponto de vista de Humberto Campos, membro da Academia Brasileira de Letras, que tolerava o voto feminino “somente para as que pagassem imposto sobre a renda” (JOFFILY, 1980, p. 43). A propósito dessa tese elitista, Anayde escreveu pequeno artigo em que citava Machado de Assis:

Eleveamos a mulher ao eleitorado; é mais discreta que o homem, mais zelosa, mais desinteressada. Em vez de a conservarmos nesta injusta minoridade, convidemo-la a colaborar com o homem na oficina da política. Que perigo pode vir daí? (BEIRIZ *apud* JOFFILY, 1980, p. 43).

Verdade é que na Parahyba Anayde não estava só, porque o intelectual de mais prestígio da sua época, Carlos Dias Fernandes, pronunciara uma conferência publicada sob o título; “Feminismo - Emancipação da Mulher pela Cultura e Trabalho”.

José Joffily (1985, p. 44) ainda aponta que a matéria de reconhecimento do voto feminino chegou ao Brasil a partir de dezembro de 1919, quando o senador Justo Chermont apresentou o primeiro projeto de lei extinguindo o privilégio masculino ao voto. Três anos após realizar-se a conferência Pan-Americana, em Baltimore, onde o Brasil foi representado pela líder feminista Bertha Lutz, com a participação de mil e seiscentas delegadas da *League of Women Voters*. Logo no ano seguinte surgiu no Rio de Janeiro a “Aliança Brasileira pelo Sufrágio Feminino”, a “Legião da Mulher Brasileira”, a “Federação das Ligas pelo Progresso Feminino”, além de outras organizações que começariam a provocar a palavra dos intelectuais das províncias, inclusive da Parahyba, naturalmente.

Ainda mais “caprichoso” foi o destino de Anayde. A emancipação política da mulher só se tornaria realidade exatamente depois da Revolução de 1930, quando a tivera fim sua vida.

A representação social de Anayde Beiriz se fez em inúmeras imagens, em inúmeras representações que se consolidaram na perspectiva de memórias diversas. Anayde, por ter deixado sua marca na história da Paraíba, foi perseguida pela sociedade conservadora não habituada com a presença de uma nova mulher aos moldes de Anayde, que quebrava e rompia o espaço de submissão destinado e imposto a ela, como intelectual, poetisa, professora e mulher que ousava em seus escritos e atitudes, que escrevia em defesa da autonomia feminina do voto e inúmeras esferas sociais e, sobretudo, a política. Restaria à historiografia realizar uma tentativa de resgatá-la, e o resultado foram obras escritas, além de produção audiovisual. A partir desses documentos de memória podemos vislumbrar a (re)construção daquilo que poderíamos chamar, a rigor, de uma memória biográfica, conferida pelos vestígios e simbologias a ela atribuída.

Dito isso, três fontes de gênero documental distintos serão nossos pares na efetivação de uma das análises que essa pesquisa ambiciona: nos aproximarmos das construções das imagens de Anayde que são mostradas nos respectivos documentos.

CAPÍTULO II

“LIBERTINA, LIBERTÁRIA, NOIVA, AMANTE, PROFESSORA, MODERNA”: QUANTAS E QUAIS ANAYDES?

Como apresentar alguém? Essa é uma pergunta necessária quando se quer compreender o outro, principalmente quando não existe a possibilidade de ele apresentar-se. Somos aquilo que deixamos transparecer? O que permitimos que seja mostrado? Cada pessoa conhece o mais íntimo do seu ser, seus desejos, aflições, angústias e medos? E os outros que constroem essa apresentação? Ou seria uma representação?

A representação dá sentido à realidade dentro de cada contexto histórico, social e cultural. A representação mostra-se por via dos sistemas de signos (linguagem) e do que este sistema cria internamente nos indivíduos, a concepção de cada um sobre o real. A mesma deve ser móvel, plástica e circundante, pois são fenómenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de comunicar-se, “um modo que cria tanto realidade quanto senso comum” (MOSCOVICI *apud* MORGI, 2004, p. 5). Assim, a representação não corresponde totalmente à realidade, mas à soma de um processo de linguagem e cultura.

[...] as representações sociais são algo natural em múltiplas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e organizações materiais e espaciais (JODELET, 2000, p. 18).

Em Chartier (1990), utiliza-se o conceito de realidade/representação por constituir-se num corpus de diversidade de interpretações que constroem suas significações que não encerram em si a verdade, suposta como única ou permanente. Nesta relação, o conceito de representação é fundamental na História Cultural e foi utilizado pelos historiadores a partir do início do século XX.

Desta forma, pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos

actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990, p. 19).

Assim, entende-se por representações as posições e os interesses que constroem o mundo real segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita, ou seja, são construções feitas a partir de condutas e práticas sociais constituídas por forças de poder. Essas, portanto, caracterizam-se como instrumentos importantes para entendermos as imagens dos sujeitos. Diante disso, nossa pesquisa se vislumbra pelos principais documentos de memória e representação produzidos sobre Anayde Beiriz.

Nesse capítulo, nosso foco será as imagens de Anayde Beiriz através de documentos narrativos sobre a mesma. São, pois, percursos de memórias construídas, como Maurice Halbwachs demonstra com clareza em estudo sobre memória e imagem. De acordo com Halbwachs (1990, p. 36), “um homem para evocar seu próprio passado necessita apelar às lembranças dos outros”.

É na esteira dessa compreensão que pensaremos as representações da mulher Anayde, dispostas em três dispositivos de memória. Suportes diferentes – papel e película cinematográfica – e gêneros textuais distintos – textual e audiovisual – para analisar a imagem e identidade como mulher de sua época de Anayde da Costa Beiriz. Os documentos analisados são o livro de José Joffily intitulado “Anayde Beiriz, paixão e morte na revolução de 30”, e outro livro, de Marcus Aranha, intitulado “Anayde Beiriz: panthera de olhos dormentes”, e o de gênero audiovisual o filme de Tizuka Yamazaki, “Parahyba, Mulher Macho”. Através dessas narrativas distintas pretendemos demonstrar as relações, as controvérsias e as rotulações entre documentos narrativos distintos sobre os mesmos fatos, já que são obras que carregam as crenças, os valores e ideologias de cada autor.

2.1 Anayde imortalizada na arte e na literatura: relações livro e filme

No início da década de 1980, o filme “Parahyba, Mulher Macho”, dirigido por Tizuka Yamazaki, projetou nacionalmente uma narrativa sobre Anayde Beiriz, jovem

professora e escritora que viveu na capital paraibana, cuja memória liga-se aos eventos fatídicos que culminaram na chamada “Revolução de 1930”. Anayde namorava João Dantas, que por motivações políticas e justificativas de honra, matou o então presidente da Paraíba, João Pessoa. A repercussão desse ato levou os namorados também à morte (ele apareceu morto na cadeia; ela suicidou-se, distante da família e da sua terra natal). Os tons trágicos dessa história de amor permeada pelas disputas de poder aparecem representados na narrativa cinematográfica, constituindo uma Anayde romântica e libidínosa, altiva e ousada, que desagradou a uma grande plateia na Paraíba, causando muita polêmica, inclusive sobre a fidedignidade a quem, de fato, fora Anayde Beiriz.

O respectivo filme fora inspirado no livro de José Joffily, “Anayde Beiriz, paixão e morte na Revolução de 1930”. Tal obra foi escrita e editada em 1980. O autor constrói uma narrativa da vida de Anayde, apontando inúmeras conjunturas sociais da época. O autor usa de um tom de defesa de uma imagem de Anayde como “mocinha” e vítima de uma sociedade que o mesmo descreve como patriarcal e conservadora, usando de tons ditos trágicos e defensivos. Surgem representações de uma imagem do feminino que se divergem, e que pairam muitas outras possibilidades na construção dessas análises de gênero que a seguinte pesquisa ambiciona.

Libertina? Libertária? Namorada? Amante? Vítima? Vilã? Feminista? Ao longo das décadas, na imprensa, na historiografia, em produções audiovisuais, a polêmica e as dúvidas foram sendo alimentadas, (re)inventando muitas possibilidades de ver Anayde Beiriz. Tendo uma corporeidade como um papel aberto a muitas inscrições discursivas.

No centenário de seu nascimento, em 2005, entre as várias homenagens feitas, uma surpreendente “revelação” veio ao público: a edição de um livro contendo a transcrição de um conjunto de cartas amorosas, trocadas entre ela e Heriberto Paiva, um namorado anterior a João Dantas. As cartas foram transcritas e editadas para um livro, organizado por Marcus Aranha, intitulado: “Anayde Beiriz: panthera dos olhos dormentes”. O que veio conferir ainda maior visibilidade aos signos corporais, sensuais e afetivos que marcam sua imagem, abrindo mais ainda o campo de sua dizibilidade.

Para entendermos essas representações, faz-se necessário apontar as características estruturais das respectivas fontes que possuem suportes e gêneros distintos. De acordo com Gomez e Domingues (2007, p. 15), em todo documento aparecem três elementos: o suporte, o gênero e a informação. O suporte é o material na

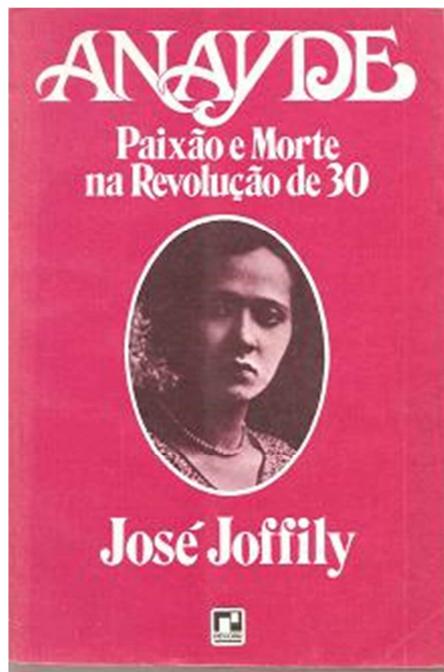
qual está fixada a informação que pode ser pedra, tábuas de argila, couro, papel, CDs, DVDs etc.; o gênero é o meio de fixação ou a linguagem eleita para fixar a informação no suporte, por exemplo: textual, imagética, fotográfica, audiovisual, pictórica etc. Dito isso, os gêneros documentais textual e audiovisual serão as fontes discutidas por nós para analisar a imagem de Anayde.

Sendo assim, a partir das pesquisas documentais com suportes e gêneros distintos, buscaremos tecer uma análise sobre a imagem de Anayde Beiriz que nos é repassada. A grande discrepância entre os suportes e gêneros descritos está na configuração que presumimos que cada um assume perante o público. O livro representa para grande parte da população como uma forma apenas de aprendizagem, limitando sua importância apenas para o público acadêmico e pesquisadores, sendo tido por grande parte das pessoas como algo enfadonho, enquanto que o filme é visto como uma forma de entretenimento e lazer. O que acarreta em uma problemática a ser analisada, partindo da ideia de que o gênero documental audiovisual, usado na seguinte pesquisa, é uma fonte, digamos, “perigosa” para lidar com a memória, pois traz em seu contexto a tendência do cinema nacional da época, que se debruçava pelo gênero pornográfico (uma afronta diante do contexto social da época 1983, quando o Brasil pairava ares de ditadura e censura). Porém nos dá maior visibilidade de possibilidades para lidar com a postura de Anayde, que paira nessa ambiguidade, que perpassa a imagem de várias mulheres. De qualquer forma, o livro ganhou reflexo na proposta do material fílmico, por mais que cada um dentro de seu contexto histórico detivesse um viés.

2.2 “Muitas atitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses fariseus”: Anayde aos olhos de José Joffily em “Paixão e morte na Revolução de 1930”

O livro foi escrito em 1980, editado pela Companhia das Letras de Artes Gráficas do Rio de Janeiro, contém 144 páginas e 21 cm de dimensão. Seu autor, José Joffily Bezerra, nascido em 25 de março de 1914 na cidade de Pocinhos na Paraíba, lutou como soldado na Revolução de 1930, e destacou-se como político, empresário e historiador. Faleceu em Londrina-PR em 08 de junho de 1994.

IMAGEM 2: Capa do livro “Anayde, Paixão e Morte na Revolução de 30”



José Joffily nos confere maior visibilidade acerca da vida e do cenário onde Anayde Beiriz viveu e morreu. O autor paraibano, natural da cidade de Pocinhos na Paraíba, lutou na Revolução de 1930, e ao contrário dos demais autores que trabalharemos, Joffily viveu intensamente aquele momento político e social ao qual Anayde conviveu em seu início. Joffily sentiu-se inquieto com a negligência que fazia-se por parte da sociedade em relação a Anayde e João Dantas, onde por quase duas décadas era proibido sequer citar seus respectivos nomes, devido a sacralização do presidente morto, e ao peso de vilões que o casal manteve por tanto tempo. A história local mostrava-se, segundo Joffily, deturpada, e uma outra versão, a versão dos “vencidos”, havia de mostrar-se ou ser mostrada.

A obra é fruto do resultado de uma pesquisa histórica em fontes diversas – arquivos públicos e particulares, bibliotecas públicas e particulares, depoimentos, jornais, revistas e livros. Contém 144 páginas, divididas em nove capítulos. No prefácio do livro de Joffily, escrito por Celia Musilli Holanda, é trazido um estudo sobre quatro textos de Anayde, segundo ele, os únicos restantes, pois os demais pertences, poemas e textos de Anayde foram queimados. Os textos do prefácio são classificados por Celia Holanda como uma literatura “intimista, mística e sensual”, mostrando as influências

que a poetisa recebeu da Semana de Arte Moderna de São Paulo, e sobretudo, exibindo uma Anayde que respeitava seus anseios e desejos mais íntimos. Em um ambiente onde a mulher é tida como um ser assexuado, pensar e ainda ousar de transcrever tais pensamentos e desejos era um ultraje para aquela sociedade que vivia o apogeu dos códigos de honra e sob o pátrio poder. Anayde, articulada através de seus escritos, faz uma crítica a imposição do casamento para a mulher, imposição essa tida como um objetivo de vida e o único respaldo de felicidade e realização, o gênero feminino assim como o masculino tinha um ideal de felicidade que perpassava a ideia de família e matrimônio. Anayde capta a intolerância e a violência de gênero a que estava submetida e denuncia o espaço de submissão ideal do período, que limitava o feminino à ideia de matrimônio e procriação.

Joffily segue propondo uma análise do contexto histórico para que os leitores entendam o drama de Anayde. Expõe a situação econômica do país e da Paraíba nos anos 20 que, especificamente, era estado de economia agropastoril, neste período sofria uma grave crise, pois o ataque das pragas às lavouras fazia-se presente, dizimando principalmente as lavouras de algodão. A maioria do povo vivia em casebres sem água e sem eletricidade.

Conforme Leal (1965 *apud* JOFFILY, 1980 p. 19), “Na Paraíba, em 1927, 77,7% da população era constituída por analfabetos”. O autor destaca esses dados com intuito de demonstrar o ambiente de extrema dificuldade que Anayde viveu, a Paraíba estava imersa em uma realidade de gritante desigualdade social. Joffily aproveita a deixa e passa a discorrer uma narrativa biográfica acerca da vida de Anayde, perpassando sua infância simples, sua vida escolar até a diplomação na Escola Normal em 1922, suas preferências literárias também são apontadas pelo autor, sua vida profissional como professora na vila de pescadores em Cabedelo, e algumas características caricaturais de sua personalidade e comportamentos tidos como liberais e ousados para a época.

IMAGEM 3: Anayde em formatura na Escola Normal, em 1922



O autor discorre uma narrativa sobre a vida de Anayde fornecendo críticas à sociedade da época, como “uma sociedade patriarcal, intolerante e inimiga do acesso ao mercado de trabalho para a mulher não-proletária, só o admitia para bordados, costuras e outras prendas domésticas” (JOFFILY, 1980, p. 19). Com essa afirmação podemos adentrar no mundo de adversidades e preconceitos que Anayde viveu.

Era um período de tensão, nos é revelado os tabus e costumes da sociedade da época onde o espaço público estava destinado para o masculino, assim como espaço do trabalho, da opinião, da política, dos prazeres, restando à mulher o espaço de submissão, o espaço privado, o espaço doméstico, o espaço da “assexualidade”. O corpo feminino nesse contexto é dominado e violentado, uma violência de gênero. Anayde desconstrói esse papel, Joffily relata que a jovem, como poetisa, era atuante nos meios intelectuais modernistas, influenciados pelo movimento modernista de São Paulo, e era a única mulher em reuniões dos intelectuais, além de se fazer presente em saraus onde era impraticável a presença feminina.

Além disso, o autor se debruça sob alguns acontecimentos mundiais, a exemplo da Revolução Soviética. Explana sobre as circunstâncias que antecederam a “Revolução de 30” no nosso estado e simultaneamente narra o romance de Anayde Beiriz e João

Dantas, até finalmente adentrar nos fatos trágicos de 1930, com o assassinato de João Pessoa, o desencadear da revolução, e a tragédia de Anayde e João Dantas.

Os estudos sobre memória nessa abordagem cujo personagem trata-se de Anayde, que estava envolvida com o advogado João Dantas, então inimigo do poder, apontam que nesse contexto não havia preocupação por parte da sociedade dominante da época em preservar sua imagem e memória, já que seus registros e escritos foram destruídos, restando, segundo José Joffily, apenas 4 escritos. Na história dita “oficial” havia um propósito de condená-la ao esquecimento e colocá-la como vilã, e em contrapartida, exaltar a imagem de João Pessoa como mártir da Revolução de 30. A seguinte pesquisa figura como exemplo de que a imagem não é estática, mesmo com versões oficiais, sendo assim possível visitar o passado e reconstituir imagens e memórias.

O período histórico vivenciado por Anayde estava muito suscetível de adulteração de imagem e memória. Havia uma disputa entre classe dominante, uma ala representada pelo poder sócio-político e econômico da Aliança-Liberal personificada no presidente João Pessoa, e a oposição representada por João Dantas, perrepista, aliado do coronel José Pereira, líder da revolta de Princesa, que comandava a rebelião separatista (dominados). Daí porque a construção da memória oficial sobre Anayde e os acontecimentos que ela está ligada devem ser entendidos, como nos alerta Le Goff (1990, p. 422), sob a perspectiva de luta, de construção:

Tomaram-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória e imagem coletiva.

Como ocorreu no caso de Anayde, presumimos que ela é um exemplo de como a imagem e memória de um personagem pode ser manipulado quando se trata de disputa de poderes, e de “afastar” um sujeito que está fora dos padrões de uma sociedade patriarcal, recolocando-o com uma imagem negativa. Em nome do poder, as pessoas esquecem, maculam ou constroem um mártir ou um vilão. Anayde Beiriz pertencia à classe dominada, era, digamos, do povo, uma professora, e por isso passível de ter sua

imagem deturpada e sua memória manipulada em favor da classe e da ala dominante – foi, para a sociedade da época, tida como pivô do assassinato do presidente João Pessoa.

Segundo Joffily (1980, p. 15):

Impossível compreender o presente sem explicar o passado. Sem o apoio da juventude seria inútil questionar a velha versão dominante. Restabelecer a verdade quando se trata do interesse coletivo, é imposição da própria história; ainda que o interesse de pesquisa esteja restrito ao plano individual, é imperativo da mais rudimentar consciência da justiça.

O autor argumenta que para entendermos os acontecimentos do presente é preciso compreender o passado, interpelar as ditas “versões oficiais”, para o conhecimento da verdade e como forma de fazer justiça aos menos favorecidos, e “resgatar” sua imagem, como no caso de Anayde e de tantos outros.

IMAGEM 4: Placa de reconhecimento de residência onde Anayde viveu. Rua Santo Elias, nº 176, João Pessoa/PB



Aqui chamamos atenção para a residência onde Anayde viveu, onde temos a “tentativa” de reconhecimento, porém, quando falamos sobre as relações de poder que são construídas e capazes de determinar papéis e exaltar ou levar ao esquecimento uma figura pública que sai dos preceitos de comportamentos estipulados por uma sociedade patriarcal, fica nítido quando nos voltamos para o texto contido na respectiva placa, onde confere o nome de Anayde incorreto, “Anayde Azevedo Beiriz” quando na

verdade trata-se de Anayde da Costa Beiriz. O texto que segue exprime: “Meu sonho de felicidade: um amor absoluto, imutável [...]”, e novamente temos uma percepção de uma Anayde romantizada, partindo do estereótipo de naturalização e normatização do comportamento e natureza feminina, o romance. A tentativa de reconhecimento torna-se falha, pelo equívoco com o nome completo, pela pouca visibilidade, e por legitimar a construção de um estereótipo atribuído à natureza feminina e à natureza da própria Anayde.

IMAGEM 5: Frente da residência onde Anayde viveu



O episódio nos remete ao pensamento de Foucault (1993), quando ele trata do fenômeno do poder. De acordo com o autor, as relações de poder são intencionais e estratégicas, tem metas e objetivos, é algo que se pratica ou se sofre, intervém materialmente atingindo a realidade e penetrando no cotidiano do indivíduo, normalizando e controlando gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos. Desta forma, as relações de poder servem como instrumento de luta, articulado com outros instrumentos contra essas mesmas relações. Assegura a sujeição das suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade/utilidade em que trabalha o corpo, manipula e

determina seu comportamento, ou seja, fabrica o tipo de indivíduo necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade.

Portanto, as questões que perpassam a memória coletiva de Anayde Beiriz não apenas ocorreram pelos problemas da governabilidade do estado atrelada às questões políticas, mas também ocorreram pela regulamentação da sociedade impondo os dispositivos de controle moral contra as condutas que “ameaçavam a instituição familiar e patriarcal”, pois a política das oligarquias fundamentava a estrutura social.

Foi nessa teia de poder político e moral dos coronéis que Anayde vitimou-se, por não estar inserida no critério de sujeição do corpo e nas determinações comportamentais. Assim, Anayde foi considerada subversiva por ir contra os preceitos dogmáticos da sociedade paraibana dominada pelo patriarcalismo, foi perseguida, julgada, condenada como “a prostituta do bandido assassino do presidente da província”, execrada e expurgada da consciência de quase toda uma geração. E, após a morte do seu noivo na cadeia do Recife, na juventude de seus 25 anos, em plena produção intelectual, sob pressão moral, morreu envenenada, no Asilo Bom Pastor, também na cidade do Recife em 22 de outubro de 1930 e sepultada no cemitério da mesma cidade.

Diante desse contexto de relações e tramas de poder, fica muito evidente no livro a intenção de Joffily de recompor a imagem de Anayde como uma mulher à frente de seu tempo, posicionando-a como vítima de preconceitos e mostrando a sociedade conservadora da época, como um algoz que descriminou, perseguiu, julgou-a colocando-lhe como vilã na história da Paraíba, até arrastá-la ao suicídio. O livro nos passa a sensação de homenagem, o autor deixa muito evidente sua defesa, expondo uma representação de Anayde como vítima, porém deixa a desejar em explicar a mulher ativa que Anayde mostra-se em tantos outros meios.

Assim, o livro de Joffily é uma espécie de homenagem a Anayde Beiriz, uma narrativa que perpassa muitas outras conjunturas sociais e outros indivíduos tidos também como importantes para a construção da narrativa, todavia, Anayde é protagonizada tendo os acontecimentos e aparatos sociais como pano de fundo. O discurso saudosista e afetuoso finaliza a obra de José Joffily (1980, p. 70):

[...] sociedade desumana para com o generoso coração e o espírito progressista de Anayde Beiriz [...]. Em sua pobre cova, esquecida e

vazia, deixo agora estas flores que chegam com atraso de cinquenta anos.

O que nos inquieta agora é entender as relações construídas no filme, e todo o contexto histórico que perpassa a dizibilidade da imagem de Anayde, além de entender onde um se mostra no outro. Digamos que os contextos e as imagens de Anayde são divergentes, assim como se divergem os gêneros documentais. Seria Anayde a “Mulher Macho”?

2.3 “Creem eles que sou trágica, que gosto desse amor que queima”: o contexto histórico acerca de Anayde em “Parahyba, Mulher Macho”

O cinema, enquanto elemento de comunicação de massa, apresenta-se como um grande responsável pela instauração de representações da realidade. Dentro da narrativa de uma película encontramos um mundo que tenta parecer com o real, mas que possui sua própria dinâmica. Desta maneira, o cinema passa sua visão de mundo para aqueles que assistem aos seus produtos e

[...] enquanto produtor de discursos que ajudam a dar visibilidade às representações sociais em torno das identidades culturais, nos permite compreender tanto os enfrentamentos, quanto às permanências e as mudanças presentes no campo social. Sendo o cinema um meio que articula discursos verbais e imagéticos [...] (ROSSINI, 2004, p. 2).

Segundo Paiva (2006), o cinema é um campo de discussão sobre a questão de gênero, principalmente após a consolidação do movimento feminista durante toda a década de 1980, atraindo a reflexão sobre relações entre homens e mulheres e tentando flexibilizar estes encontros. De tal modo, “a ficção brasileira contribui para a desmontagem de ideologia patriarcal e do comportamento machista, remetendo aos novos estilos de estrutura familiar, novas modalidades de tribalização, afetividade e sociabilidade” (PAIVA, 2006, p. 11).

Assim, o contexto histórico abordado em “Parahyba, Mulher Macho” é um dos mais movimentados da história do país: o período que antecede aos acontecimentos políticos de 1930, onde uma das questões abordadas era o direito das mulheres ao voto.

O movimento feminista no Brasil iniciou-se no final do século XIX, quando conceitos revolucionários dos movimentos de mulheres da Europa e dos Estados Unidos chegaram ao país. Além do sufrágio feminino, estava na pauta de reivindicações a igualdade perante as leis, pois apenas os homens eram considerados cidadãos.

Tendo por base o livro “Anayde, Paixão e Morte na Revolução de 30”, do historiador José Joffily, “Parahyba, Mulher Macho” (segundo longa-metragem da cineasta brasileira Tizuka Yamasaki), traz como protagonista a professora e poetisa Anayde Beiriz, retratada em seu romance com o jornalista e advogado João Dantas, assassino do então presidente da Paraíba, João Pessoa, em um dos episódios que antecederam a chamada Revolução de 30. A ideia de “liberdade”, presente no título desta comunicação, apresenta-se como concepção que reflete a abordagem da trajetória da personagem: Anayde representaria a figura feminina que desafia os preconceitos de uma época, que luta para conquistar o direito de escolher seu próprio caminho, livre das amarras impostas por padrões tradicionais de comportamento que vigiavam na perspectiva de dominação de um gênero sobre o outro, que pairava entre o pátrio poder e o poder marital. Personagem real transformada em protagonista de uma trama ficcional, Anayde converteu-se em instrumento de discussão da própria realidade das mulheres no país ao longo dos anos recentes. Trata-se, nesta comunicação, de pensar o significado de se retomar, nos anos 80 (década de lançamento do filme), uma personagem das primeiras décadas do século, para que se possa compreender o esforço de construção de memória feito pela cineasta ao se reportar a uma figura obscura da história das mulheres no Brasil.

O elenco dispunha de atores de grande evidência nacional, como a atriz Tania Alves (Anayde Beiriz), Claudio Marzo (João Dantas), Walmor Chagas (João Pessoa) e outros, e utilizando locações em Recife, Gravata, Olinda, Ilha de Itamaracá, Suape, Gaibu, em Pernambuco, e Cabedelo na Paraíba.

A narrativa se inicia com pessoas ocupando as ruas da capital e dando vivas à Aliança Liberal e a João Pessoa. O cenário político paraibano ao final da Primeira República começa a se desenhar, configurando-se um clima de agitação e conflito. A cena sofre um corte para um espaço interior, onde vemos a polícia na tarefa de vasculhar uma residência, percorrendo seus vários cômodos, retirando objetos e livros das estantes e armários. Fotos e escritos são encontrados e se tornam motivo de riso

entre os policiais, por conterem elementos “que fazem rubor até para mulher dama”. Alguns são lidos em voz alta, transformando João Dantas, dono do sobrado revistado, em objeto de escárnio.

Após uma sequência inicial do filme na qual já se esboça uma personalidade ousada e desafiadora diante de cada manifestação de autoridade a que se vê submetida, seu anseio em romper padrões é representado em uma cena emblemática. Em uma barbearia, podem ser vistos cliente e barbeiro em cena. Ouve-se um “bom dia”, em uma voz feminina em *off*, que não seria condizente com aquele espaço. Anayde ocupa seu lugar na cadeira, em frente ao espelho: somente quando a câmera capta seu rosto refletido percebemos tratar-se da personagem. Ao anúncio de que desejava cortar os cabelos, segue-se a expressão de espanto do profissional. Ela ainda completa: “*à la garçonne*”, insistindo, decidida. Diante da hesitação dele, ela pega a tesoura e corta uma longa mecha, pedindo que ele continuasse o serviço. Na porta, clientes e “figurantes” observavam, curiosos, o que se passava. Naquele momento, em uma sociedade imbuída de forte machismo, Anayde rompia padrões e marcava sua personalidade livre de amarras ao optar por uma aparência associada tradicionalmente ao masculino, ou ainda às mulheres ditas “de vida fácil”, como nos conota Margareth Rago (2008).

Tizuka faz questão de frisar no decorrer da narrativa do filme os diálogos entre Anayde e Dantas, e faz-se necessário destacar um momento entendido por nós como interessante para entendermos os códigos sociais que atrelam os sujeitos homem e mulher. Anayde se queixa por Dantas não querer discutir política com ela. Ela diz que as tropas de João Pessoa estariam indo para Princesa para garantir as eleições. Dantas responde que de nada adiantará, porque Zé Pereira garante seu eleitorado em todo o sertão. Ela indaga: “Com voto de cabresto ou com métodos cangaceiros?”, ao que Dantas responde, frisando os limites de sua atuação: “O que você entende de política para ficar dizendo mentiras?”. Close de perfil, os dois frente a frente, ela desafiadora:

Anayde – Como? Tenho massa cinzenta, tanto quanto você.

Dantas – Pois fique sabendo que algumas famílias mandam no sertão há mais de século. Não é qualquer um que vai mudar muita coisa.

Anayde ri alto.

Anayde – Posso não entender de política, e nem tenho brasões de família para defender, mas eu tenho opinião própria, e não preciso de coronel nenhum para me dizer o que eu tenho de fazer.

Recebe um tapa de Dantas no rosto, ao que reage com vigor:

Anayde – Baitola! Moleque de recados do coronel Zé Pereira! Eu não te amo, ouviu? Eu não te amo....

Exteriorizada a raiva, a expressão de Anayde converte-se em desalento, tristeza diante dos conflitos com o amado. Percebe-se, aqui, algo recorrente no decorrer da trama: os conflitos entre as forças políticas no estado não apenas fornecem o pano de fundo para a história de Anayde e Dantas, como também incluem a participação de ambos nos eventos e nos permitem realizar uma discussão de gênero também no âmbito político. Segundo Rosemere Santana (2013), as relações de gênero na Paraíba foram analisadas em um norte da política, e isso fica evidente nos trabalhos de Alômia Abrantes e Socorro Cipriano, que problematizaram as relações de gênero a partir da política, levando em consideração aspectos como virilidade e honrardes no episódio da “Revolta de Princesa” e no embate político entre dois personagens específicos, aspectos também traçados na trajetória em torno de Anayde, levando em consideração que a mesma estava inserida nesse confronto político devido sua relação amorosa com João Dantas. Dessa forma:

As relações de gênero nesta perspectiva se estruturavam em meio a mudanças familiares, mas também políticas e culturais. Os embates políticos travados são entrecruzados por ricas referências ao masculino, ao feminino, ao rural, ao urbano e perpassadas por referências de modernidade e tradição. Foram essas referências que constituíam as relações de gênero na Paraíba nas décadas de 1920 a 1940 [...] (SANTANA, 2013, p. 18).

À posição mais progressista de Anayde (defensora do voto feminino e de uma política que, efetivamente, permitisse o pleno exercício da cidadania) contrapõe-se o conservadorismo de Dantas, atrelado a uma ordem política na qual predominava a violência e o poder privado de alguns indivíduos⁸.

O trecho final, que apresenta o destino da protagonista, ao mesmo tempo traz em si a construção de uma memória que pudesse atualizar o significado daquela mulher e de seus ideais e experiências. Em meio aos confrontos nas ruas, Anayde caminha

⁸ Vale evidenciar que os diálogos aqui citados não podem ser entendidos como verídicos, pois como a própria cineasta conota, a obra cinematográfica tem muito de suas convicções e posturas e, portanto, se nos voltarmos para a obra de Joffily (1980), não encontraremos nenhum aporte que indique posicionamento político defendido por Anayde, porém acredita-se que por seu posicionamento moderno e dito libertário, suas posturas aproximam-se mais do posicionamento da Aliança Liberal em contrapartida às conjunturas políticas oligarcas.

lentamente, em primeiro plano. Carrega um pequeno frasco nas mãos. De início, traz no rosto uma expressão de desolação que, aos poucos, converte-se no frescor e na alegria que marcara sua trajetória tal como narrada no filme. Ela caminha entre os tiros disparados entre os inimigos políticos, pessoas correndo, fogo, corpos estendidos no chão, como se a personagem não fizesse parte daquele cenário de guerra civil. A câmera congela em seu busto. Na legenda, pode-se ler: “Anayde Beiriz foi encontrada morta 16 dias depois no Asilo Bom Pastor em Recife, Pernambuco, 22 de outubro de 1930”. Logo abaixo, está escrito: “a todos que lutam pelo direito de escolher o seu próprio caminho”.

Pouco lembrada desde a conjuntura a qual pertencia, nas primeiras décadas do século XX, Anayde voltava, assim, a adquirir evidência a partir do olhar cinematográfico da diretora, cujas palavras seguem abaixo:

Quero falar sobre o amadurecimento da mulher. Aquela que foi se conscientizando, abrindo caminhos, fazendo parte da produção do país, opinando como inteligência brasileira. A pessoa que adquiriu uma maioria de quem, agora melhor do que nunca, pode se expressar através da criatividade acumulada nestes anos de inibição. A mulher que sabe ser a parte maior dos eleitores do Brasil. Eis o filme da maneira que eu sinto⁹.

Trata-se, dessa forma, da Anayde construída pelo olhar de quem elaborou o roteiro e realizou o filme posteriormente, ou seja, é o retrato de uma mulher dentro dos limites traçados pela percepção de José Joffily (autor do livro que embasa o roteiro), e José Joffily Filho e Tizuka Yamasaki, responsáveis pela redação do roteiro. Retomada de um episódio da história paraibana, teve sua vida narrada em uma obra historiográfica e, posteriormente, tomada como protagonista pela cineasta: muitos foram os caminhos percorridos pela narrativa de sua vida, e múltiplas foram as formas que esta assumiu. No caso do filme aqui analisado, a Anayde construída por Tizuka (como alguém que antecipara as demandas e os princípios veiculados pelos movimentos feministas em sua própria época, momento de realização do filme), é resultado de seu próprio olhar sobre a

⁹ As entrevistas com a cineasta assim como o material de divulgação do filme distribuído pela Embrafilme, se encontram no Centro de Documentação e Informação da FUNARTE, sendo acessível através do endereço eletrônico: <www.historia.uff.br/stricto/td/1460.pdf>.

personagem histórica e se refere mais aos anos 80, tempo de sua realizadora, do que à conjuntura na qual ela mesma se insere.

O processo de produção do filme, que envolvera exaustiva pesquisa, evidencia as escolhas feitas. Segundo a diretora, quando iniciaram as pesquisas, perceberam que determinados fatos históricos deveriam ser respeitados e mantidos na narrativa, como por exemplo, a conjuntura política dos anos finais da Primeira República. Contudo, Tizuka reafirma que, da vida de Anayde, dispunham de poucas informações, “[...] não só porque ela era uma mulher pobre, sem grande importância na época e pelo fato de que havia a nítida intenção de se sepultar a memória dessa mulher”¹⁰. Não poderia ser considerada uma trama ficcional simplesmente “porque Anayde existiu, apenas em consequência dos poucos dados, fantasiámos e compus o personagem dentro daquilo que imaginei ter sido Anayde”.

Tizuka teria, portanto, construído uma Anayde possível, a partir dos fragmentos de sua trajetória que encontrara, e muito de suas próprias percepções haviam sido incorporadas a estes pedaços de lembranças. Tais recordações se referiam, sobretudo, a um olhar seletivo a partir do presente, mas que guardava como referência também a época em que a personagem vivera e o sentido de suas experiências naquele contexto, no qual representações variadas pesavam sobre as mulheres: àquelas que buscavam sair desses papéis e espaços a elas atribuídos pairava o fantasma da “mulher pública”, a prostituta. Anayde enfrentaria tais preconceitos ao assumir um romance fora do casamento, ao adotar códigos de aparência e atividades que não correspondiam ao modelo de feminilidade pregado socialmente. Não podemos esquecer a sequência em que a personagem entra em uma barbearia (reduo masculino, segundo as convenções) e, para surpresa dos fregueses que ali se encontravam, solicita um corte *à la garçonne*.

Quando decide retirar Anayde “das sombras”, por assim dizer, Tizuka considera estar justamente resgatando a trajetória de uma personagem em vistas de cair no esquecimento, e apenas menciona superficialmente a consciência de estar elaborando uma dentre outras representações possíveis de Anayde. Ao longo do processo de realização do filme, enfrenta memórias múltiplas em relação à poetisa, as quais se estendem do silenciamento à sua caracterização como prostituta e amante de João Dantas; as dificuldades em encontrar registros e o processo sofrido pela cineasta

¹⁰ Tizuka fala sobre o sucesso de seu filme no *Jornal de Minas*, edição de 20 de novembro de 1983.

constituiriam expressões dessas “batalhas de memória”. É fundamental ressaltar que a memória, assim, consiste em um espaço de disputas, mesmo que pretenda se apresentar como homogênea ou desprovida de conflitos, como alerta Michael Pollak (1989).

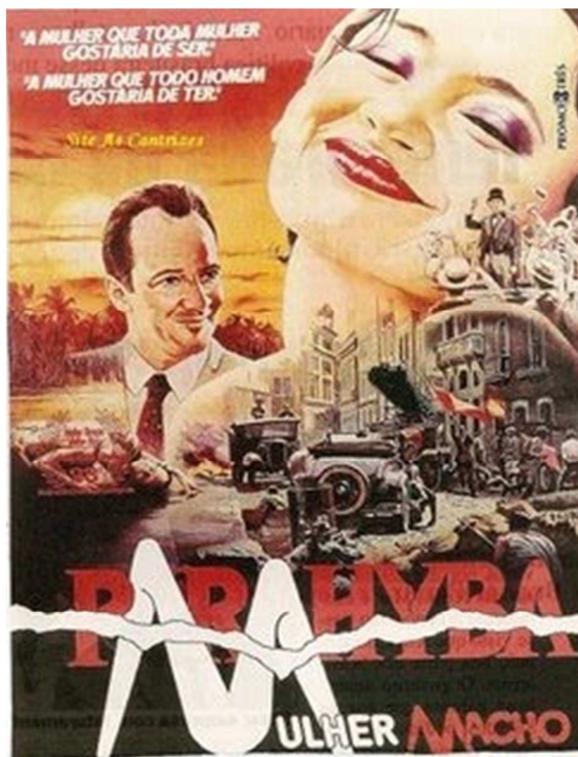
A trajetória de Anayde encenada no filme de Tizuka Yamasaki segue, ainda, um deslocamento linear, que se inicia em sua infância e adolescência, quando já demonstra seu posicionamento particular frente ao modelo de feminilidade da época, passando em seguida para sua carreira profissional e o romance com João Dantas, o qual compõe o eixo da narrativa. Vemos, assim, a percepção de sua vida como um todo, um conjunto coerente e orientado em determinado sentido, baseando-se, assim, como em uma percepção que toma a trajetória de um indivíduo a partir de “modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas” (LEVI *apud* FERREIRA; AMADO, 2005, p. 169).

Embora comece seu projeto com iniciativas similares às de historiadores profissionais – um problema inicial, a busca por documentos – a elaboração de sua análise, que se concretiza com a produção do filme, evidencia que Tizuka não é uma historiadora, é uma cineasta e, assim sendo, seu meio de expressão é a narrativa cinematográfica, a qual apresenta suas particularidades e sutilezas. Contudo, não podemos deixar de considerar que o discurso histórico não se restringe à produção histórica profissional, mas inclui também outras modalidades narrativas, que comporiam “a mentalidade histórica de uma época”, com manuais escolares, romances históricos, monumentos, assim como meios de expressão como o cinema (LE GOFF, 2003).

Podemos entender “Parahyba, Mulher Macho” como um filme histórico em todos os seus sentidos: é documento para o estudo da inserção das mulheres no cinema brasileiro, assim como constrói uma memória acerca de uma personagem histórica e também dos eventos dos quais esta participou. A Anayde Beiriz resultante do trabalho de construção de memória empreendido pela diretora é, dessa forma, tomada como símbolo de demandas e questionamentos postos não nos anos 20 (época em que viveu), mas principalmente vivenciados no momento de concepção desta memória. É a partir de muitas questões observadas, ou mesmo experimentadas pela cineasta em relação às mulheres de seu tempo que ela dirige seu olhar para esta “heroína” da Paraíba da Primeira República, tirada da invisibilidade através do olhar de sua câmera.

Problematicamente, o longa metragem desagradou uma boa parcela da plateia que aguardava ansiosamente a retratação de Anayde Beiriz como uma forma de justiça (falo da família Beiriz): o desagrado partiu da tendência do filme, onde usa-se uma dose exacerbada de erotismo. Recorremos ao pôster do filme, onde a letra “M” da palavra “Mulher” do respectivo título, faz referência a pernas femininas abertas (o que seria uma tendência do cinema nacional da época). Cenas de nudismo são recorrentes no filme, mas não trazem apenas o nu feminino, pois em todas as cenas ambos os personagens aparecem despidos. O que notamos é a visão de que, se ambos estão envolvidos na relação sexual, portanto, os dois estão despidos e devem ser mostrados da mesma forma, não estando somente a mulher despida de suas vestimentas. O que concluímos como “desagrado” que a obra cinematográfica causara, pode ser justificado através da percepção que perpassa inúmeros tabus e códigos de moralidade e conservadorismo que ainda pairavam a sociedade paraibana em idos de 1983 (ano de lançamento do filme).

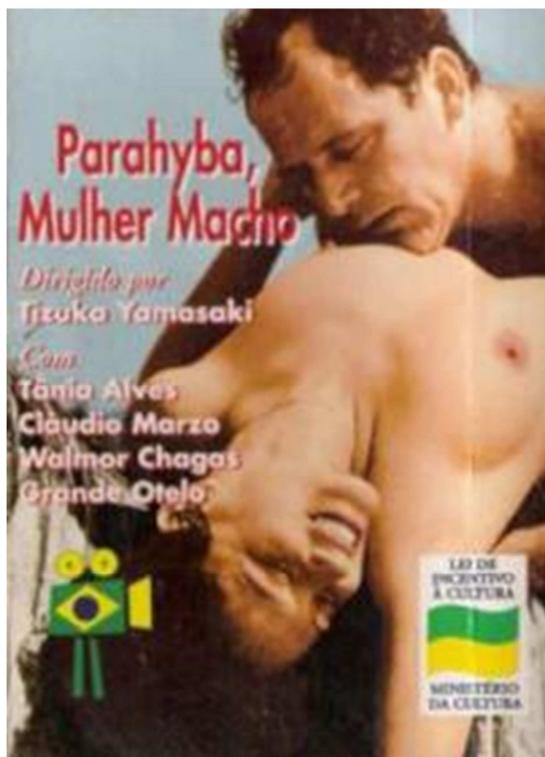
IMAGEM 6: Pôster do filme “Parahyba, Mulher Macho”



Contrariamente, notamos uma tendência de sensualizar mais o corpo feminino. Pois, se repararmos nas cenas, as roupas de Anayde sempre são um pouco transparentes e deixam nítida a forma dos seus seios, sempre descobertos de sutiã. Em outras tomadas, seu corpo é mostrado fora do relacionamento sexual. Por exemplo, quando ela sofre a tentativa de estupro e se banha no mar. As cenas de sexo no cinema são analisadas pelas críticas feministas a partir da perspectiva do voyeurismo e o fetichismo, conceitos básicos da psicanálise. De acordo com Ann Kaplan (2002, p. 53),

[...] voyeurismo e fetichismo são mecanismos que o cinema dominante usa para construir o espectador masculino de acordo com as necessidades de seu inconsciente [...]. O espectador, obviamente, está na posição de voyeur quando há cenas de sexo na tela, mas as imagens das mulheres na tela são sensualizadas, não importa o que estas mulheres estejam fazendo ou em que espécie de enredo estão envolvidas.

IMAGEM 7: Segundo pôster do filme “Parahyba, Mulher Macho”



Diante da afirmação da autora, entendemos as questões e problematizações que foram impostas diante do lançamento de “Parahyba, Mulher Macho”. A imagem de mulher idealizada pela sociedade da época passa longe da representação de Anayde apresentada por Tizuka. Mesmo vivendo um romance com João Dantas, em nenhum momento ela trata de assuntos como casamento, família e filhos. De certa maneira, os papéis de gênero são quebrados no filme. A narrativa é baseada em fatos reais, mas o olhar diferenciado da cineasta nos mostra a quebra de estereótipos femininos nos âmbitos do público e do privado.

E talvez a “dizibilidade” que perpassa a construção da imagem de Anayde Beiriz seja a grande discrepância das tentativas de trazê-la à tona e de mostrá-la através de outros olhares e falares. Nas comemorações e homenagens no ano de seu centenário (2005), Marcus Aranha, tendo em mãos um diário conferido pela família Beiriz, organiza uma obra que classificamos como rica em detalhes: trata-se de um conjunto de 70 cartas escritas e recebidas entre Anayde Beiriz e Heriberto Paiva (um namorado anterior a João Dantas), tais correspondências são ornadas com uma escrita que perpassa inúmeros assuntos, e nos conferem inúmeros códigos sensuais, corporais e

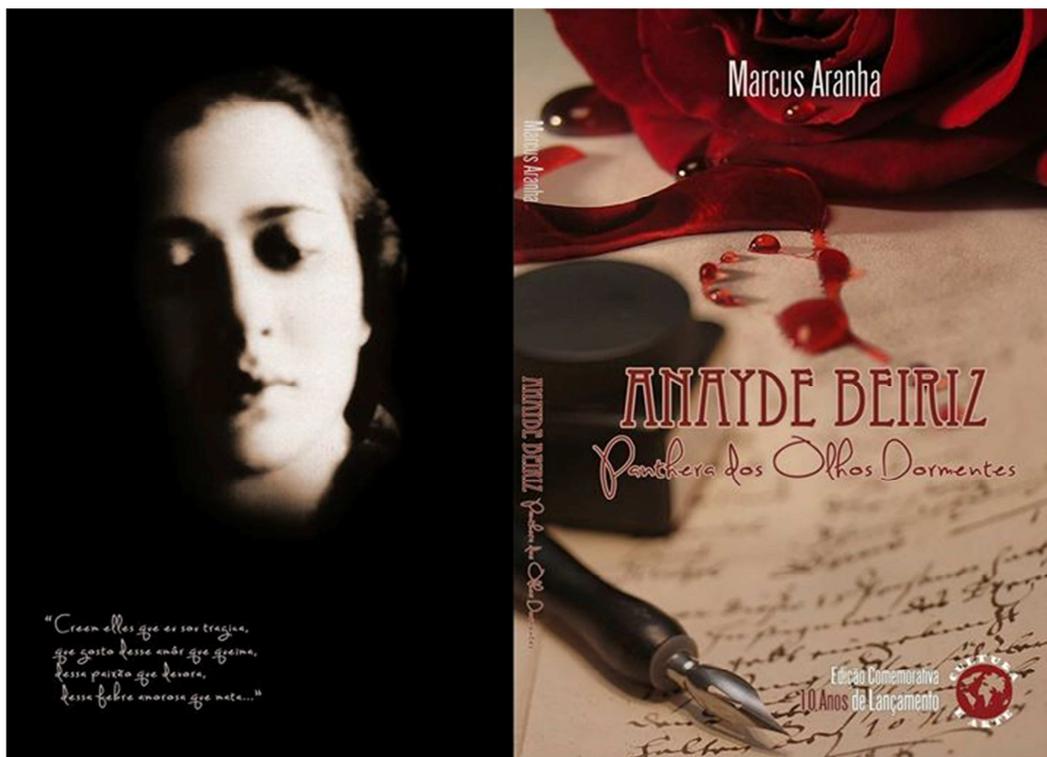
sociais. Essas novas revelações veem à tona, e com tais revelações novas possibilidades de enxergarmos merecidamente Anayde Beiriz. Vamos, então, “conversar” com “a panthera dos olhos dormentes”.

CAPÍTULO III

“REMINISCÊNCIAS DESFEITAS DE MINHA MOCIDADE”: ANAYDE BEIRIZ, A PANTERA DOS OLHOS DORMENTES

O que seria as reminiscências desfeitas na mocidade de Anayde? Nesse momento, nossa pesquisa ambiciona analisar correspondências trocadas entre Anayde e seu primeiro namorado, Heriberto Paiva. Na leitura deste diálogo epistolar, buscam-se os silêncios, os interlocutores, as confidências, o sentido das palavras nas entrelinhas, o não dito explicitamente. Desta forma, apresenta-se como uma leitura da representação do mundo social, das relações de gênero, dos conflitos, dos sentimentos, dos lugares e tempos circunscritos na escrita das cartas.

IMAGEM 8: Capa do Livro “Anayde Beiriz, Panthera dos olhos dormentes”



Marcus Aranha, a quem a família Beiriz confiou a publicação das cartas, autor do livro “Anayde Beiriz: panthera dos olhos dormentes”, apresenta-o como uma

iniciativa de “tentar desfazer a destratação mítica”, em oposição àquela do filme de vinte anos atrás que “terminou em aviltamento, coisa não merecida”. Segue então utilizando alguns dos argumentos que elegem o filme “Parahyba, Mulher Macho”, desde o seu título, como ofensivo e deturpador. Parece reconhecer, entretanto, que no esteio daquela que seria uma obra com pretensões mercadológicas, Anayde “propositada e deliberadamente esquecida até na terra onde nasceu por força da Aliança Liberal”, passava a ser lembrada no Brasil inteiro. Mas o faz lamentando, já que para ele o filme apresenta a protagonista, do começo ao fim, como “uma prostituta apaixonada por um reacionário”, condenando-a novamente.

Diante da necessidade de demarcar a oposição à corporeidade de Anayde como uma “mulher-macho”, inscrita no território de uma sexualidade considerada excessiva e desviante, Aranha apresenta algo mais, um “trunfo” no jogo pela verdade, a correspondência “registrada de próprio punho” por Anayde Beiriz, quando tinha entre 20 e 21 anos de idade, que foi transcrita e, enfim, tornada pública oitenta anos depois.

A iniciativa da publicação das cartas, como um esforço de presentificar Anayde de outras maneiras é, sem dúvida, extremamente interessante e torna-se uma estratégia importante na constituição de outros olhares sobre a memória e a história dela, assim como da sua época. Porém, mais uma vez, esta se faz nas mesmas bases daqueles discursos considerados contrários: é um apelo à verdade compreendida como uma marca que ao dizer “sobretudo da MULHER Anayde”, acredita poder revelar sua verdadeira identidade, conjugada com a do próprio lugar onde nasceu e viveu.

É certo que comumente somos tentados a pensar na escrita pessoal como uma manifestação do “eu” mais verdadeiro, contudo, se a tomamos para uma análise histórica, não podemos nos deixar tragar pelo confortável desejo de que temos ali uma pessoa revelada, entregue numa prática que, por ser íntima, amorosa, é destituída de artimanhas, táticas, das tramas de uma micropolítica, que tecem sua historicidade. E procurar marcar nossa leitura com estas percepções tampouco é colocar em xeque a sinceridade do outro, daquele que escreve, fazer juízos de valor.

Tomar a escrita de Anayde como uma fonte para a análise da construção da sua subjetividade e imagem, uma “escrita de si”, que nos permite problematizar questões que dizem respeito à época dela e ao que a liga ao nosso tempo, pensamos ser uma perspectiva muito mais rica do que indicá-la como a possibilidade de restaurar seu rosto

ante a captura do seu corpo “excessivamente” exposto em outras produções. E, certamente, um exercício mais complexo do que reduzi-la à interpretação de um “ser feminino” modelado pelos discursos da normatividade.

Assim, acreditamos que a análise da escrita pessoal de Anayde Beiriz, conquanto se ofereça rica em possibilidades, marcada pela ideia da intimidade e da “sinceridade” (pactos comuns às escritas pessoais) não deve ser referendada como uma fonte que “revela” a verdade, que determina e define sua identidade. Este é certamente um dos problemas mais comuns nas lidas com este tipo de material, em que muitas vezes tende-se a ver ali o “ser” do autor, sua comprovação.

IMAGEM 9: foto de Anayde Beiriz, 1923



Lembrando, inclusive, que as cartas têm seu destino e é em relação a este que o remetente se mostra, portanto, se faz, esta escrita é uma produção de si, passa por uma seletividade de palavras, de imagens, que não ocupam um lugar aleatório na composição da face e do corpo de quem escreve.

É também uma “arquitetura” feita numa rede de linguagens, que põe em funcionamento signos interessados, artífices de um jogo de saber e poder sempre dinâmicos. Como nos diz Michel Foucault (2004):

Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre um destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. A carta prepara de certa forma um face a face. [...] mas é preciso compreendê-la menos como deciframento de si por si do que uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo.

Sobre isso, comenta Ângela de Castro Gomes (2004, p. 14):

[...] a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como “a escrita de si” assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. [...] O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de dizer o que houve, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.

Ainda na perspectiva da Ângela de Castro Gomes (2004), no caso da escrita de cartas pessoais, sua expansão corresponde ao processo de privatização da sociedade ocidental, com a construção de novos códigos que permitiram o estabelecimento de uma “intimização” da sociedade. Os usos destes códigos que vieram possibilitar uma espontaneidade na expressão de sentimentos como a amizade e o amor têm na escrita de cartas sua forma mais emblemática, com a particularidade de serem dirigidas a outrem, a um destinatário: “Ela (a correspondência) implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo”.

Portanto, sem perder de vista essa relação de alteridade, que no caso de Anayde Beiriz reporta principalmente para uma alteridade de gênero, as cartas que ela escreve e que depois transcreve para um diário junto com as que recebe do namorado Heriberto Paiva, constituem como que um exercício duplo desta prática, onde a produção de si é

intensificada pela escrita, mas também pela produção de um memorial daquela relação, materializada pelos manuscritos e fotografias. Prática esta que se constituiu como o modo privilegiado e possível que o casal encontrou para manter seu envolvimento, dificultado pela distância (ele no Rio de Janeiro, ela na Parahyba) e pelas barreiras morais e sociais que se impunham entre eles, já que a família dele reprovava o seu namoro com Anayde, razão pela qual acordaram logo no início da correspondência manter em sigilo aqueles contatos, o que tornava as cartas ainda mais íntimas, envoltas na aura do secreto.

3.1 As missivas... Captura do outro... A escrita de si...

Marcadas por táticas de sedução, de captura do outro, de parte a parte, as escritas dos apaixonados são ricas nas imagens que um (re)elabora do outro, ao passo que produzem a si mesmos. Após as últimas cartas recebidas de “Hery”, como costuma referir-se ao namorado de forma mais carinhosa, que comumente reportavam à saudade, às memórias de um encontro passado e às questões práticas da vida dele de estudante (o tanto a estudar, a greve da faculdade, as tarefas diárias), Anayde o escreve:

[...] Quando as tuas mãos premiam as minhas mãos, numa carícia apaixonada e unida, sentia vibrar em mim, forte o desejo de enlaçar-se nos braços, unindo a minha bocca à tua bocca. E muitas vezes ouvi dos teus lábios um leve queixume, porque não me mostrava meiga e ardente como tu; parecia-te naquele tempo, uma criatura sem nervos, fria, insensível, não é verdade, meu amor? Fiz o possível pra não trahir-me, para que não conhecesses tal qual eu era: ardente, apaixonada, vibrante... Temi muitas vezes que os meus olhos te revelassem o que eu queria que tu desconhecesses e só agora (e isto porque estás longe e não me podes ver tão cedo), eu tenho animo de revelar-me aos teus olhos, tal qual sou. Não me creias uma mulher romântica, piedosa, dessas que amam pacífica e sinceramente, mas sem intensidade e sem ardor, essas mulheres que sabem ser mães, mas que não sabem ser amantes. Talvez preferisses que eu fosse desse número e se eu não o quisesse poderia parecer-te sempre assim, mas eu não desejo enganar-te. Se chegar algum dia a ser tua, encontrarás em mim, a esposa, a mãe, a amiga, a irmã e, mais que tudo isso, encontrarás a amante, a mulher. Sei que não é bonito isso que te estou a dizer, mas a confiança que tenho em ti leva-me a falar-te deste modo (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p. 218-219).

A distância dos corpos físicos facilita a liberação desta Anayde sensual, intensa, que embora em várias marcas do texto deixasse entrever que o que demonstrava não era algo considerado “bonito”, e talvez aí residindo ainda uma insegurança sobre que impacto suas palavras teriam sobre ele, lança-se na afirmação de si como uma mulher que não pretende, ao lado do homem que ama, assumir apenas as funções rotineiramente atribuídas às mulheres, embora estas sejam também valorizadas. E nessas falas vemos a apresentação de comportamentos do que viria a ser de uma mulher moderna ou, no mínimo, diferente.

A amante, a mulher, é o que ela deseja intensificar, dando visibilidade ao seu corpo e aos seus desejos, traçando uma estratégia de apropriação destes através da escrita, mas também como forma de capturar, de seduzir o outro. E esta sedução procura acentuar com o pacto da sinceridade, comum na prática das escritas pessoais, “revelando-se”, dando-se a ver de uma maneira que outro não veria, ou que talvez nem mesmo ele se estivesse perto. Também lembrando que é esta sinceridade que a move a se expor tanto, já que poderia até fingir ser de outro modo, mas não desejava enganá-lo. Um pacto de intimidade é estabelecido, procurando intensificar vínculos, vencer a distância física, dando uma presença sensorial ao outro.

O texto vai tomando o lugar dos corpos dos enamorados. Com a motivação da intimidade que o percurso da correspondência foi tornando possível, Heriberto também vai soltando sua imaginação, descreve sonhos e pensamentos em que a toma para si, ambienta-a no interior da casa que pretende ter com ela e permite-se lançar luz na penumbra do quarto deles na noite de núpcias:

Tu, com o collo arfando, de olhos ennuveados, ébria de amor, acompanhas-me nestes gestos cobrindo-me de beijos e apertando-me mais de encontro à ti. Então, a minha mão, obedecendo à minha vontade, arrebenta os botões do teu “*pegnoir*” e deixa a descoberto duas formosas pomas, duras, quentes e perfumadas, de biquinhos nacarados que os meus beijos sedentos investem numa fúria irrefreitada de beijos. Todo o teu ser convulsa num paroxysmo infinito e a tua vozinha exclama, num mixto de amor e de queixa: Hery, assim não, eu estou tão nua! E estas palavras augmentam em mim a sede voraz de querer-te, de possuir-te. As minhas mãos vão descendo ainda mais a tua roupa, livram os teus braços das mangas e desnudam o teu mimoso busto moreno. Eu, extático, contemplo num momento a magnificência do teu corpo sybarita e num gesto ousado e bestial rolo comtigo sobre o leito... E, os meus lábios vão beber nas tuas faces as duas lágrimas resplandecentes que brotaram dos teus olhos [...]

Perdoa-me, Amor, se magoei o teu pudor (PAIVA *apud* ARANHA, 2005, p. 151).

Marcada por um clima erótico, o escrevente reconhece sua audácia tanto nas imagens que cria, quanto na prática de registrá-las e compartilhá-las com a namorada. Reconhece que pode ferir o pudor da amada, aquele mesmo que ele deseja ver na postura dela durante o encontro sexual ela o acompanha, mas as iniciativas são dele. O pudor e o recato que se sobrepõem ao desejo dela parecem produzir sobre ele um efeito maior de sedução e excitação. Uma imagem decerto diferente daquela criada pela narrativa fílmica, em que temos um corpo feminino mais explícito e empoderado dos seus desejos.

E, num tom semelhante, Anayde corresponde com sua escrita. Demarca o seu pudor e receio, mas não deixa de também liberar as suas sensações físicas, de manifestar o ardor que tantas vezes declarava esperar da vida a dois. Descrevendo a noite fria em que estava, contrasta-a com a sua alma que sente calor, motivada pelas sensações intensas emanadas da escrita do seu “Hery”:

O sangue corre nas minhas veias com ardências satânicas; o desejo se enrosca no meu corpo como uma serpente de fogo... E tudo isso porque li a tua carta! É que carta louca, meu Amor! Foi-me impossível lê-la sem corar; um rubor de pejo subiu-me às faces e instintivamente levei a mão ao decote do meu vestido como para defendê-lo de ser aberto por ti. Afigurou-me, não estar lendo uma carta tua e sim ter-te junto a mim. Crê, meu Hery, que experimentei a sensação de ter os seus cinco dedos a apertar-me a carne numa carícia violentamente sensual. O leve contacto da roupa irritou-me a pelle, deu-me a impressão de ser o contacto da sua mão nervosa e febril que me percorresse o collo num afago voluptuoso. [...] Se nas minhas cartas eu tenho usado de uma linguagem demasiadamente franca, (não quero dizer livre), é porque, quando te escrevo, deixo o pensamento seguir os impulsos da minha natureza sensual e vibrátil; é porque sei que o amor sincero é confiante e perdoa essas loucuras do coração e dos sentidos (BEIRIZ *apud* ARANHA, p. 153).

Colocando-se num conflito entre o desejo e o pudor, mas prudentemente investindo neste último, ela “entra” na fantasia do outro, procura corresponder ao desejo dele, iluminando o dela, porém usando táticas de fazer o desejo intimidar-se, pois percebe que há ali uma transgressão, um avanço em relação às regras de normatização vigentes para o comportamento que se espera das mulheres. Regras instaladas nas

metáforas do seu desejo: ardências satânicas, serpente de fogo, signos que premem a ideia religiosa de pecado. Ao passo que se mostra receptiva às fantasias do namorado, ela titubeia, desnuda para logo depois cobrir o corpo, intensifica para em seguida filtrar os desejos.

Maria Izilda Santos de Matos (2003, p. 117), na sua pesquisa sobre as representações do feminino e do masculino no discurso de médicos brasileiros (1890-1930), observa em textos e manuais de medicina do período, algumas das estratégias utilizadas pelos “novos sacerdotes” que “sacralizavam o matrimônio como regulador de energias e como meio de evitar os perigos da vida moderna”, restringindo assim o prazer sexual tanto masculino como feminino. Conquanto percebe-se sem surpresas uma tolerância maior para os homens, as mulheres seguem sendo abordadas como “mero receptáculo da vivência erótica e sexual masculina”.

Pode-se perceber a ressonância desta visão no fluxo que move as escritas dos namorados. O ambiente do encontro sexual é o da noite de núpcias, propiciada pelo matrimônio. Ele manifesta o desejo de forma mais explícita, intensa nos gestos que podem levar ao “bestial” e “ousado”. Ela, iluminada pelo desejo dele, é toda acolhimento e sentimento, comovendo-se com o ato sexual que consubstancia-se num ato de amor. Já na sua própria escrita, Anayde, embora em várias passagens enalteça seu lugar como amante, compreende-o também como uma condição da vida de casados, e ao ler a carta “louca” de Hery, lembra que esta ainda não é a situação deles, e procura defender-se da nudez e da exposição diante do outro, mas nem por isso repelindo-o, tampouco negando o seu próprio desejo, a estratégia é justamente a do controle, do outro e de si. Se é possível ver facilmente as linhas de fuga que ela traça para si ao privilegiar o lugar da amante, da mulher sexuada e vibrátil, isso se configura até um limite dado pela relação de alteridade, pelas táticas de sedução de um outro que está sempre também a lembrar das suas outras funções:

Eu almejo fazer da nossa vida de casados, um sonho sem despertar, uma perene lua de mel. [...] eu quero realizar o milagre com que sempre sonhei: ter uma criatura para quem eu seja, só eu, a imagem adorada, a mulher desejada, a própria Felicidade... Uma criatura, que atraves dos annos, encontre nos meus beijos, nas minhas caricias, o sabor do primeiro beijo, a sensação da primeira caricia nupcial... E creio que unicamente de mim depende transformar o sonho em realidade, pois penso sinceramente que, neste caso, cumpre à mulher

conduzir o homem consoante à sua vontade. Que a esposa saiba ser para o esposo uma artística e deliciosa amante, uma amiga desinteressada e indispensável, uma conselheira risonha e serena, com o mesmo rigoroso asseio, os mesmos atractivos de quando noiva e não acredito que esse homem possa desprezar ou aborrecer essa mulher, salvo se nunca a tiver amado, ou se for um tarado, um doente moral (BEIRIZ *apud* ARANHA, p. 26).

Veja-se a imagem criada por Anayde para a responsabilidade feminina na manutenção do sonho de casamento ideal, sendo este perfilado pelos signos do amor romântico e como “contrato” indispensável na organização de uma sociedade que preza a monogamia, a higiene, o controle sobre as práticas sexuais, sobretudo para a mulher, que historicamente teve seu corpo e seus desejos normatizados por médicos e religiosos, em uma dualidade de proteção do corpo e da alma, e que um estaria intimamente relacionado com o outro. Dentro desse contexto recorreremos a Mary Del Priore (1999, p. 182), quando ao analisar o imaginário atribuído ao interior feminino, aponta que:

[...] a mulher encontrava-se, nesta forma de pensar, imersa numa feminilidade cuja significação aparecia numa perspectiva escatológica. Culpada pelo despojamento de bens imposto quando da expulsão do paraíso só lhe restava dedicar-se a pagar seus pecados pela contemplação de Deus, pela continência, pela domesticação de seu desejo.

A fidelidade é usada como marca também de uma sanidade física e moral. Percebe-se, pois, todo um investimento nos preceitos que valorizam a função social feminina, porém privilegiadas no campo do privado, no território da ordem familiar e, sobretudo, amorosa. À mulher cabendo o poder de conduzir e garantir a manutenção da conduta correta e sã do marido, o que por sua vez, passa a reger a própria existência dela.

O investimento maior da “captura” do outro se dá no terreno da sexualidade, onde ela pretende fazer-se sempre sedutora e merecedora das atenções do amado, e através deste terreno e para além dele corre a dinâmica do dispositivo amoroso. A interferência deste no da sexualidade constrói as mulheres como “diferentes”. Para a historiadora Tânia Navarro (2006), ao seguir a genealogia do dispositivo amoroso nos diferentes discursos que instituem a imagem da “verdadeira mulher”, vê-se incansavelmente repetidas suas qualidades e deveres: “(doce, amável, devotada,

incapaz, fútil, irracional, todas iguais!) e sobretudo, amorosa”. Amorosa de seu marido, de seus filhos, de sua família, além de todo o limite, de toda expressão de si.

Necessário também destacar que, embora por vezes, sobretudo ao início da correspondência, ela procure compartilhar com Heriberto seus talentos e afazeres literários, relatando seu trabalho com os contos, sua atuação junto *Os Novos* (grupo de jovens intelectuais que organizavam serões litero-dançantes, sendo ela a única moça a participar) a Anayde professora e escritora, entretanto, não ganha imagens e espaços significativos nas cartas e nas fantasias do namorado. A insegurança com relação ao comportamento dela é uma constante nas cartas de Heriberto, mesmo que quase sempre termine reiterando sua confiança na namorada.

Heriberto também expressa nas suas missivas o enraizamento do conceito patriarcal e provinciano, comuns aos homens abastados e conservadores da época. Enfatiza o receio da agitada movimentação social de Anayde, em carta do dia 27 de Junho de 1925, diz ele: “Amor: tenho apenas um receio. É que os teus serões litero-dançantes que te aproximam do meio social tu me esqueças; e, o afeto que me dedicas seja revertido em prol de outrem” (ARANHA, 2005, p. 49).

Enquanto Anayde, mesmo vivendo na província paraibana, ao contrário, seduzia-se pela revolução dos costumes da *Belle Époque*. Quanto às inseguranças dele, ela se defendia respondendo-lhe:

Hery: debes pôr de parte esse teu receio, em se tratando dos serões litero-dançantes. Freqüento-os desde alguns meses, e, até aqui, neles nada encontrei que me pudesse fazer esquecer-te. Aprendi a dançar, somente porque a gente deve saber um pouco de tudo. Quanto à sociedade, eu aborreço-a; nada vejo que me possa prender a ela. A vida que eu almejo é bem diferente dessa existência inútil e vazia que poderia encontrar ao lado desses ridículos meio – homens que são os nossos almofadinhas. Sonho uma vida tranqüila, sem preocupações e sem tristezas, ao teu lado, numa casinha pequena, cheia de flores, longe dos olhares invejosos dos hipócritas e dos maus. Então eu acreditaria que a felicidade existia para mim. Os Novos tratam-me com respeito e demasiada gentileza; talvez isto seja devido em grande parte, a ser eu a única moça que faz parte do grupo; quanto a mim, trato-os com delicadeza, mas não sem essa reserva que não permite liberdades, nem certos gracejos (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p. 51).

Escuta meu amor: quando te escrevi aquela carta, estava sobrecarregada de trabalho se não pesado, pelo menos extenuante. Sei,

meu Hery, que o amor está acima de todos os deveres, de todos os compromissos, de tudo afinal. Mas, acho também que a gente deve sempre cumprir o que promete; e eu prometera naquela semana escrever um conto para a revista paraense: *Belém Nova* e outra para a *Pilhéria*, do Recife; tinha, além disso, de colaborar na página literária do *O Jornal* e de comparecer a uma festa dos *Novos*. Recebera, além disso, um pedido de colaboração para a *Era Nova* e outro para o *Jornal do Recife* (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p. 59).

Anayde se contradiz ao se defender argumentando sobre a futilidade dos eventos sociais. Leva-nos a crer que a justificativa foi apenas para tranquilizá-lo e não ferir sua altivez masculina. Nas cartas expressa verdadeira fascinação pela atividade literária.

As relações entre Anayde e Heriberto principiaram-se, com as contradições de classes sociais que os diferenciavam. Ele, estudante na escola de medicina carioca, adquiria o mais alto nível de ensino, destinado à elite brasileira. O Rio de Janeiro concentrava o foco da cultura europeia e, a escola de medicina, era o local dos mais brilhantes clínicos e cirurgiões. Conforme Azevedo (1996, p. 295) os bacharéis de direito e os “doutores, foram os que, adquiriram na hierarquia Inter profissional, maior autoridade e prestígio”. Ela, marginalizada na profissão do magistério primário, que além de oferecer o mínimo em matéria de instrução, a baixa remuneração não atendia as necessidades concretas de independência financeira, escondida no aparente *status*. Anayde situava-se num plano econômico inferior ao dele, afetada pela estratificação social, diferenciada por um *status* social, que orientam o comportamento humano de maneira padronizada, dentro dos grupos ou classes.

Essas interdependências de sentidos moral, social e político, de grande importância no mundo moderno, foram amplamente defendidas pelo liberalismo clássico religioso, que pensavam apenas em tornar a mulher apta para exercer o papel de mãe e esposa. Essa preparação disciplinar era obrigatória na educação das mulheres com os trabalhos de agulha e as prendas domésticas. Apesar dos inúmeros avanços na carreira feminina, a limitação de suas ações ainda era visível na época.

Anayde, apaixonada, renuncia a si própria. Mesmo, enfrentando os desafios do amor secreto e proibido, que representavam sua transgressão moral e social, não percebia o peso desigual para o lado feminino, que suas atitudes ocasionavam. Obedecia docilmente o ditame da covardia masculina. Deixava-se seduzir ingenuamente, como se percebe em carta de 10 de agosto de 1925:

Crê meu Hery, que naqueles dias tive desejos de fugir para bem longe, para uma praia solitária onde o único ser vivente fosse eu, e onde o silêncio fosse somente perturbado pelo gemer do oceano, pelo grito das aves marinhas, pelo ciciar da brisa na frente do coqueiral... Com que delicioso prazer eu me estenderia nas brancas areias silentes!... e pensaria tanto em ti, no nosso amor!... Mas, esse meu desejo foi um sonho que passou como tudo na vida, menos um amor verdadeiro há de passar... Perguntas-me se prefiro a amizade dos *Novos* ao teu amor? Estás louco, meu Hery? Acaso, existe para mim, alguma coisa comparável ao teu afeto? De certo que não. Para provar-te que acima de tudo, coloco e colocarei o teu amor e para que entre mim e ti não exista nunca uma sombra ou dúvida por pequena que seja, eu abandonei os *Novos*; no próprio dia em que recebi a tua carta, despedi-me deles sem pesar e sem saudades. Relutaram, pediram-me que desistisse do meu propósito, mas mantive-me inabalável (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p. 59-60).

Sua mentalidade expressava o conformismo natural dos valores perpetuados do imaginário que se espera do feminino. Onde as mulheres eram instruídas para manterem a posição de dependência e inferioridade perante o marido. Como “boas” companheiras, esposas “virtuosas”, bondosas e complacentes, preparavam-se para satisfazerem o desejo do homem, seu legal “proprietário”, pós-casamento. Assim, desejava e pensava Heriberto sobre Anayde:

Tu, a esposa ideal, amante do teu lar, fiel ao teu companheiro, para o qual sempre terás um beijo, uma carícia e, ainda, a mãe carinhosa. Porque já te disse uma vez, pretendo, ou melhor, pretendemos, desejamos possuir dois filhinhos. Ruth e Fernando, que hão de ser o nosso encanto, os frutos de todo o nosso affecto (PAIVA *apud* ARANHA, 2005, p. 63).

A família é a unidade social básica na sociedade. Os elementos centrais familiares são: o casamento e a paternidade. “Tão intimamente ligados estão o matrimônio e a paternidade que o primeiro, às vezes, só se considera consumado quando nasce uma criança.”, diz Chinoy (1967, p. 203). A imagem do casamento e da constituição familiar para Heriberto representa claramente as regras do Código Civil de 1916. Tempo em que a mulher ainda era considerada incapaz, dependente e inferior perante o marido. “A ela cabia a identidade doméstica; a ele, a pública”. A mulher-serva, fechada, exclusiva para servir ao seu “senhor”; o homem-administrador, o único provedor, autorizado a legítima violência contra os arroubos femininos. As regras do lar

atribuíam “a homens e mulheres papéis que a encíclica *Rerum Novarum* enfatizava, em 1891” (PRIORE, 2006, p. 248).

A mulher deveria ter graça e delicadeza para educar as crianças. Esta ética está fundamentada no amor e no ser feminino e foi inspirada no pensamento do século XVIII:

Educar uma filha é educar a própria sociedade. A sociedade procede a família, cuja harmonia é a mulher. Educar uma filha é uma obra sublime e desinteressada. Pois tu só as crias, ó mãe, para que ela possa deixar-te e fazer-te sangrar o coração. Ela está destinada a *outro*. Viverá *para os outros*, não para ti e não para ela. É esse caráter relativo que a põe acima do homem e faz dela uma religião. Ela é a chama de amor e a chama do lar. É o berço do futuro, é a escola, outro berço. Em uma palavra: *ela é o altar* (MICHELET, 1995, p. 84).

Michelet (1995) também profere que o dever é um princípio que habita o interior da alma feminina. A essência, da educação dos meninos é a organização de uma força eficaz e produtiva, ou seja, criar um criador. Já, a das meninas a harmonia, a poesia religiosa, para reerguer o homem, educar a criança e enobrecer a família. Educar a menina é educar a própria sociedade, pois esta provê da família, cuja harmonia é a mulher. A essência feminina realiza-se no interior do lar e sua natural missão é primeiramente amar; a segunda, amar apenas um; a terceira, amar sempre.

A mentalidade de mansidão, submissão e resignação das mulheres, segundo o pensamento de Mill (2006), em *A sujeição da mulher*, têm sua essência na concepção “escravidão-natural”, ou “a escravidão-voluntária”. Esse sentimento é uma construção sócio histórica, onde as mulheres são criadas desde muito cedo na crença de que seu caráter é o oposto do caráter masculino, sem vontade própria e governadas pelo autocontrole, com submissão e permitindo serem controladas por outros. A sociedade ditava esse propósito de moralidades e sentimentos que afirmam ser obrigação da mulher viver para os outros, abnegar-se completamente.

Esse amor, segundo Sartre (*apud* SCHOEPFLIN, 2004) que faz o ser escravizar-se num amor contemplativo limitando sua própria liberdade é o ideal da aventura amorosa, da abnegada liberdade alienada. O amor também é um conflito, considerando que o ser para o outro implica uma dupla negação interna, apesar da convicção do

respeito mútuo. Neste envolvimento as relações não escapam da lógica da posse e da sujeição. Eis alguns pequenos trechos, onde se percebe esse amor-prisão:

Oh! Mulher divina! Que poder tens tu para escravizar-me? Por que a tua imagem não se apaga da minha lembrança? Que poder tens tu, para tornar a vida de um homem num constante sonho de amor? Não és humana, és mytho! (PAIVA *apud* ARANHA, 2005, p. 151).

Ah! Meu amor, você não calcula como essas coisas me revoltam! Às vezes chego a mal dizer o amor que te tenho esse amor que me condena ao silêncio, que me impede de gritar em brados de ódio a minha revolta, renunciando para sempre a ti... (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p. 110).

Mas, não me julgues por isto diferente das outras mulheres; há em todas nós o mesmo instinto, a mesma animalidade primitiva, desenfreada... [...]. Não amamos num homem apenas a plástica ou o espírito; amamos o todo. Sim meu Hery, nós mulheres, não temos meio termo no amor; não amamos as linhas, as formas, o espírito ou essa alguma cousa de indefinível que arrasta vocês, homens, para um ente cuja posse é para vocês um sonho ou raia às lides do impossível. Não, meu Hery não é assim que as mulheres amam. Amam na plenitude do ser e nesse sentimento concentram por vezes todas as forças da sua individualidade physica ou moral (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p. 143).

Ambos deixam-se dominar pelos incontroláveis impulsos do amor-paixão, que entorpece a razão e arrasta os corpos ao imaginário prazer do desejo, capturando um ao outro. Mas também a ambos há um significado diferenciado do amor. Para Heriberto, o amor narcisista, sedutor e conquistador, dominado não pela dolorida escravidão aparente, mas como chantagem emocional, que esconde a própria realidade da possuidora-ambição na liberdade da amada. Em Anayde, o inebriado amor, renúncia, abnegação, que adormece a razão e o orgulho. O amor-sacrifício que, através da humildade rebaixa-se, para engrandecer-se aos olhos do amado e que a torna prisioneira do ciúme e das vontades dele. Para ela, o que valia era o amor pleno.

Entretanto, se não fosse também natural a contradição humana, como o diz Sartre. Anayde estaria vinculada perpetuamente a esses princípios. Mas no decorrer do relacionamento epistolar, ela mostra sua singular impetuosidade, sua ousadia e seu inconformismo contra a hipocrisia, a injúria, a injustiça e a castração da sua liberdade.

Vejam trechos:

[...] eu possuo essa impetuosidade despreocupada e desinteressada dessa raça mestiça de que descende minha família paterna, também possuo, num grão tão alto como ninguém talvez suponha a altivez e o orgulho dessa raça de sertanejos a que pertence minha mãe (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p. 96).

Crêem elles que eu sou trágica, que gosto desse amor que queima, dessa paixão que devora, dessa febre amorosa que mata... (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p. 116).

A impetuosidade e o orgulho de Anayde impuseram a Heriberto os limites de seu amor-posse. Da rejeição familiar inicial aos ciúmes dele o relacionamento sofreu uma imediata desarmonia. O rompimento foi inevitável e em ambos ficaram as reminiscências doces e amargas. O favo adocicado do amor puro e ardente entregue a ele por Anayde e a ela, o amargo desamparo, violento e insano da incompreensão dele.

Por fim, analisar a escrita contida nas cartas de amor de Anayde Beiriz e Heriberto Paiva foi tentar formar suas identidades, através da qual se buscou também, decifrar suas introspecções; suas genealogias espirituais; o que expressam nos seus íntimos, enfim, suas formações sociais. Sem esquecer o recado de Foucault (1992, p. 144), quando este compreende que, “nenhuma voz individual se pode aí distinguir, só o conjunto se impõe ao ouvido”. Ou seja, não são isoladas, mas o conjunto das cartas que indicam e revelam o movimento da relação.

Da mesma forma, tentou-se compreender as cartas de amor de Anayde e Heriberto: entender as representações do que não está dito explicitamente, ou o porquê do que está dito explicitamente. Não se teve a pretensão de alcançar “verdades” no pensar e no sentir dos missivistas contidas no desenrolar da relação. Buscou-se percorrer caminhos, discutir gênero identificando as diferenças de seus modos de agir, de pensar, de expressar suas liberdades, as imposições, os constrangimentos experimentados, as estratégias escolhidas ou utilizadas que enunciam em relação ao poder e a dominação e as redes de interdependências que os inscreveram na sociedade da época. Considera-se este estudo como um saber apropriado em construção.

Finalmente, nas missivas, Anayde e Heriberto expressaram suas confissões de amor, transgressões morais, insatisfações sociais, desejos de constituição familiar. Percebeu-se na análise a subjunção e preconceitos à mulher, a constituição da formação social moldada culturalmente por instituições que lhe impuseram conceitos de valores, classes e normas de gêneros diferenciados, que determinaram seus hábitos e costumes.

Ou seja, a mulher, o recato, o esteio moral familiar, as preservadoras da tradição e perpetuadoras das regras religiosas. Já ao homem, o mundo do trabalho, da política, o exercício da liberdade. Ambos mantiveram-se fieis aos seus princípios: Anayde a ousadia e liberdade e Heriberto o orgulho e preconceito.

3.2 “Que Fremito lhe percorria o corpo...”: Anayde e sua produção literária

“Talvez algum dia você ouça fallar em mim; seja qual for o caminho que eu seguir você fique certo de que é em busca do esquecimento: seja o do vício, seja o da morte...” (Anayde Beiriz)¹¹.

É possível apreender nos romances produzidos por mulheres nas décadas iniciais do século, no Brasil, uma importante crítica aos novos códigos de sociabilidade, assim como a moral sexual que se impunha na modernidade. Num tom frequentemente despretensioso, Anayde formula questionamentos incisivos à cultura masculina normatizadora dentro do contexto do pátrio poder, abrindo espaço através da literatura para as diferenças de gênero, isso fica claro quando a mesma crítica a imposição do casamento a mulher:

Nasci
 Nasceu
 Cresceu
 Namorou
 Noivou
 Casou
 Noite Nupcial
 As telhas viram tudo
 Se as moças fossem telhas não se casariam
 (BEIRIZ *apud* JOFFILY, 1980, p. 12-13).

Segundo Margareth Rago (1994, p. 28),

se as mulheres do passado deixaram poucos textos científicos, como tratados médicos e filosóficos, na literatura encontraram maior espaço para a expressão do seu modo de pensar e um meio de participação na esfera pública, para debater questões de interesse social e nacional, e assuntos que considerados do domínio privado, foram trazidos para o

¹¹ Cf. COSTA, Luyze. **Anayde Beiriz**: uma biografia em quadrinhos.

debate público, a exemplo da sexualidade, do amor, do prazer, do casamento e da prostituição.

Anayde tinha mais a mostrar, tinha mais a falar, e a literatura foi o espaço que a mesma identificou para demarcar uma tessitura de gênero, em um ambiente que a queria pacata, que normatizava seu corpo, porém Anayde detinha um *corpo insurgente*, e com ele uma produção literária que além de deter uma dose exacerbada de romance, também clamava pela autonomia feminina, como fica evidente em um trecho escrito pela mesma em pequeno artigo, em que citava Machado de Assis:

Elevamos a mulher ao eleitorado; é mais discreta que o homem, mais zelosa, mais desinteressada. Em vez de a conservarmos nesta injusta minoria, convidemo-la a colaborar com o homem na oficina da política. Que perigo pode vir daí? (BEIRIZ *apud* JOFFILY, 1980, p. 43).

“Trama do Destino”, texto escrito por Anayde, que inspirou o título dessa pesquisa, é um texto que, segundo José Joffily, nem chegou a ser publicado. O original apresenta a personagem Wanda, “semi-deitada num divã oriental, num ambiente de penumbra e sonho”.

Todo o desenrolar da pequena narrativa é construído de maneira rica e detalhado. Não faltam ornamentos românticos, bem ao gosto da época, como “flores purpúreas”, “lagos azuis” e outros termos preciosíssimos, que por conta da imaginação de Anayde dão ao texto uma roupagem fluida e até mesmo irreal. Anayde para seu tempo foi uma mulher ousada e por isso seu final tenha sido dramático como o de suas histórias. Porque as heroínas de Anayde nunca foram mulheres tímidas, submissas, mas sempre mulheres audaciosas, inteligentes e devotas de grandes paixões como a personagem Wanda.

Em “Trama do destino” Wanda é abandonada por Tulio, razão pela qual recolhe-se para recordar a beleza e sensualidade de sua relação amorosa: “Que frêmito lhe percorra o corpo, só em pensar na viagem que os levou a Nápoles, onde fluíram momentos de gozo intenso e de volúpias indescritíveis” (BEIRIZ *apud* JOFFILY, 1980, p. 10).

Entre uma ou outra recordação, numa atmosfera intimista de penumbra, Wanda decide-se pelo suicídio; final infeliz, mas para Anayde não há outro caminho a percorrer se depois do amor se não a morte.

Ainda na perspectiva do romance, em uma resposta a uma carta amorosa de João Dantas, Anayde escreveu: “Sangue... sangue venenoso, arroio quente, opalino, o teu sistema nervoso... Golfeja! Dá-me assassino, um banho infernal de gozo em teu visco viperino!” (BEIRIZ *apud* JOFFILY, 1980, p. 46).

Aqui Anayde respeita seus desejos, e expõe os arroubos do seu coração e a efervescência de seu corpo, dando-se a liberdade de seu corpo ser seu, de sentir os prazeres que o corpo e a paixão podem proporcionar, transgredindo mais uma vez; em um ambiente onde as mulheres são assexuadas, permitir-se sentir prazer é um ato de libertação.

Por certo não foi fácil a coexistência de Anayde Beiriz com os padrões retrógrados da sociedade em que viveu. Sorvendo cada minuto de sua efêmera existência, a moça Anayde tinha na companhia de João Dantas o reduto mais fecundo para o amadurecimento de sua sensibilidade literária. Juntos dedicavam-se ao cultivo das letras, passavam horas dedicados às suas relações amorosas (por isso a existência de tantas páginas íntimas relatando a totalidade de cada carícia e cada sentimento, que ofenderam tanto a sociedade conservadora da província) e compunha, através da convivência mal compreendida pelos “contemporâneos”, um vínculo de equilíbrio para seus temperamentos.

IMAGENS 10 E 11: Anayde e João Dantas



Não é difícil, no entanto, detectar que Anayde traz para dentro de alguns textos inclinações simbolistas como a autocontemplação e o confronto entre o ínfimo (homem) e o infinito (Deus). Segundo Joffily (1980, p. 11); “Sabe-se que o grupo modernista que se concentrou em torno da *revista festa*, reunia escritores espiritualistas que defendiam o modernismo como forma de evolução dentro das artes”. Provavelmente tenha vindo daí a inspiração de Anayde quando se deleitou nas letras e na autocontemplação para escrever “Lembrando as ondulações do mar”.

A composição começa por descrever o crepúsculo, hora triste, que leva a mesma a reflexões acerca de si, extrapolando daí para o questionamento dos paralelos Deus-humanidade, grandeza-insignificância, tão intensos quanto ela mesma: “Embebendo o meu espírito a embalsamar toda terra, pensei: por que o homem é tão pequeno diante das maravilhas de Deus? Por que o coração humano é tão estreito para conter tanta saudade?” (BEIRIZ *apud* JOFFILY, 1980, p. 11).

As indagações feitas pela autora nesse sentido evocam a decifração de um mistério profundo, que Anayde explora através de divagações que a conduzem a um sentimento inevitável, o de pouco a pouco integrar-se ao universo que a circundava, como se tudo fosse um só corpo e um único sentido: “as ondas vinham beijar desenvoltadamente a areia e ao envolverem meus pés, senti-me tomada de estranha sensação, como se houvesse identificada com a natureza marinha” (BEIRIZ *apud* JOFFILY, 1980, p. 11).

Essa integração é, digamos, a chave para o esclarecimento de suas dúvidas, pois há um momento em que natureza e homem se fundem, pequenez e grandeza caminham juntos, mesmo que seja para o objetivo único do confronto. Deste confronto brotam sentimentos de identificação como se houvesse um pacto de sensações entre o homem e o universo, e é este pacto que encerra o texto de Anayde Beiriz:

A noite caía silenciosamente...
 Uma jangadinha, velas soltas ao vento, a subir e a descer,
 Singrava o mar, dando adeus a terra.
 Tal partida repercutia em Minh´alma como se o seu adeus fosse o
 Nunca mais eterno e fúnebre dos cemitérios.
 Por fim o manto da noite envolveu toda a terra; as gaivotas emudeceram...
 E o mar, eternamente revoltado, continuou a gemer, a gemer...
 Regressei.
 O meu espírito mal se continha em uma angústia infanda

E olhando para o céu, para as fosforescências brilhantes do Atlântico,
Tive a ilusão perfeita de que as estrelas nasciam do fundo glauco das águas...
(BEIRIZ *apud* JOFFILY, 1980, p. 11).

Diante dos escritos de Anayde, podemos captar que vida e obra se confundem, esses textos por mais que escassos nos permitem um desenho caricatural de sua personalidade. Podemos ir além e dizer que são os únicos indicativos para uma tentativa de reconhecimento de seus valores, propósitos e aflições. Neles evidenciam-se o sentimento de abandono, o anseio de libertação e, talvez, até a justificativa para seu último ato: o suicídio. Não é por acaso que uma de suas personagens viu na morte um aceno de esperança. Como ela, Anayde não vacilou diante da última alternativa para exercer consciente seu livre arbítrio.

Ao citar Lima Barreto, Anayde declama: “Muitas atitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses fariseus por aí, vinham do angustioso recalque dos ímpetos de minha alma e da obrigação em que estava, de dizer pela metade, aquilo que eu poderia ter dito totalmente” (JOFFILY, 1980).

O que Anayde disse pela metade? O que queria ter dito totalmente? Quais são os impeditivos para se escrever e inscrever-se, para dizer de si? Importa-nos saber para fazer o que com as respostas? Nossa intenção aqui é de incitar novas perguntas, é escrever e inscrever no/o corpo imóvel e turbilhão Anayde, em meio a tantas verdades já ditas e inscritas.

3.3 “Sou, na câmara ardente da existência, a lâmpada velada”: Anayde por Anayde

A única certeza que pretendemos trazer em nossa pesquisa é a da impossibilidade de um objeto ser completamente conhecido, de Anayde Beiriz ser totalmente entendida, o que condiz com nossa pretensão, ao elegê-la personagem de um enredo dramático-poético-feminista-professoral. Como qualquer ser humano mergulhado em suas contradições e incertezas, buscamos compreendê-la na trama da vida, através dos vestígios encontrados em sua escrita, daquilo que ela mesma quis deixar saber e aparecer. Quem foi Anayde? Perguntou e pergunta em cada discurso que

a constrói para, logo em seguida, desfazer-se, esvair-se e, lá na frente, tornar a construir outro... A “feminista” ou a “militante”? A “meretriz”, segundo certos discursos da sua época? Uma moça comum, quase garota, para a época e a idade?

Muitos corpos compõem Anayde, corpos sem órgãos, corpos desejan-tes. Segundo Castro (1997, p. 89), “Sobre o corpo, encontram-se as marcas dos fatos passados, de onde nascem os desejos, as insuficiências, os erros e expressam-se as lutas. A genealogia como análise da proveniência é, então, a articulação do corpo e da história”. Negamo-nos a cair na ambição de querer responder a quaisquer questionamentos. Apresentamos Anayde de outro modo, com a clareza de que criamos outro corpo, com outra roupa e outros gestos, outras angústias. É certo que será um novo discurso, com as nuances e a polissemia que caracterizam os conceitos, todos eles cambiantes, movediços, “de passagem”, a partir de diferentes fontes.

Optamos por olhar Anayde, vê-la passar pelas ruas de João Pessoa, pelos salões e saraus, pensando sobre a vida poeticamente no romântico e no trágico que a compõem e, sobretudo, através dos diversos espelhos em que ela se viu: uma amante da poesia se escrevia nos versos, expressando os sentimentos, ao encontro dos extremos, da infinita e taciturna felicidade.

A fatalidade, a morte, características de sua escrita, de sua expressão poética, pois ela escrevia pelas tintas do que se poderia facilmente nomear de contradição, como em resposta ao *Diário de Recordações* (Este item tomou como referencial parte das fontes pesquisadas: um diário comum, até, mais ou menos, a década de setenta do Século XX, entre meninas do interior da Paraíba, no qual constava mais de uma dezena de perguntas respondidas por várias amigas da autora que o organizou. A cada algarismo sempre corresponde a mesma pessoa. Anayde foi a primeira a respondê-lo). Nossa elaboração discursiva aqui está voltada para narrar o pensamento da menina Anayde sobre vários aspectos da (sua) vida. Nele, ao responder sobre o que pensava do casamento, responde: “*a escravidão do amor para um só destino: a prosaica descendência*” (QUEIROGA; BORGES 2016); ou sobre o seu ideal (como qualquer moçoila da sua época): *casar-me com ele*. Em respostas diferenciadas das demais, destacamos: “O que te desanima?” “A certeza de envelhecer. O amor é um evangelho, que entender já não pode o coração de um velho” (ibid, 2016). Nessa pergunta, a maioria das moças respondeu: nada. Outra pergunta: A quem dedicas o teu maior afeto?

“A mim mesma”. A maior parte das moças respondeu “à minha mãe”. As semelhanças das respostas das amigas estão relacionadas ao amor: “Qual o teu melhor pensamento”? Ao que ela responde: “Um amor que se faz saudade”. Mas o trágico se instala em alguns dos seus escritos, e no *Diário*, não é diferente: “O que maldizes da vida”? “A própria vida”. “O que mais te prende à vida”? “A incerteza do nada” (ibid, 2016).

Seria apenas mais uma mocinha inteligente, uma professora, mas ela se fez poetisa-feminista-menina-mulher e assim desfez os laços e as inocentes tranças do cabelo: quis uma trajetória *à la garçonne*, mesmo quando parte da sociedade a queria como a mocinha que se tornou amante de João Dantas, homem bem mais velho do que ela, moça que não despertaria tanto interesse público se não fosse pelo envolvimento amoroso com esse homem, que seria considerado “alcoz” do então Presidente da província, João Pessoa, o que, ironicamente, significa uma negação ou o apagamento da “Anayde por ela mesma”, e a limitação de sua história, afinal Anayde Beiriz permaneceu à sombra dos joãos, o Dantas e o Pessoa, permaneceu coadjuvante, quando a mesma sempre foi protagonista; protagonista de sua própria história, sua própria projeção social como mulher.

Envolvida em uma dualidade constante “anjo”, “demônio”? “Vítima”, “vilã”?, os veículos que apresentaram sua imagem e memória, tiveram como mecanismos demarcar um desses lugares, atribuindo a mesma signos e simbologias, que a apresentavam dentro de uma dessas roupagens, e talvez o envolvimento com o advogado “reacionário” a tivesse determinado uma imagem de vilã, a tivesse reproduzido socialmente por mais que posteriormente fosse empregado um trabalho por parte da sociedade conservadora de levá-la ao esquecimento. Porém, onde está Anayde por ela mesma?

Nascida em João Pessoa, então Parahyba do Norte, em 18 de fevereiro de 1905, anos antes do significativo Decreto (21.076 de 24 de fevereiro de 1932) que institui o voto feminino, o que quer dizer: Anayde foi educada sob a inspiração dos preceitos morais e dos discursos em prol da criação de um Estado Nacional, em um Brasil que se movimentava sob a égide da modernização. No campo econômico, em sua juventude, viveu a efervescência transformacionista e contraditória do Estado Novo, cuja polissemia de sentidos atribuídos à mulher reforçava sua importância para as mudanças que aconteceram a partir de então na vida nacional, em discursos da época, em revistas

e jornais pedagógicos, em teses apresentadas em eventos educacionais, no Brasil e na Paraíba, na promoção de manifestações patrióticas, cívicas e nacionalistas, reforçadas pelos meios de comunicação e pelos livros didáticos (QUEIROGA; BORGES, 2016, p. 190).

Ao se tornar educadora somente pouco mais de uma década, Anayde viveu um tempo de crença em mudanças sob os movimentos modernistas da *Belle Époque* e a *Art Nouveau*, a Semana de Arte Moderna, o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova e a onda neo-realista do Cinema Novo no Brasil. Algo novo respirava-se por aqui; pelas frestas da vida em sociedade, entravam os ares da modernidade, através dos noticiosos do rádio, das exposições, do teatro, da literatura e da arte (QUEIROGA; SENA, 2011).

A reestruturação cultural proposta pela Semana da Arte Moderna de 1922 atraiu Anayde, sobretudo, através dos poemas que escreveu. A bela poetisa e professora frequentava os saraus literários (uma forma de entretenimento daquela época) que eram apreciados pelo grupo social da culta cidade e promovidos na casa de um médico (JOFFILY, 1980). Nesse espaço de arte, Anayde destacava-se como autora de contos e poemas futuristas, declamados nessas reuniões de intelectuais da época, o que causava grande impacto na sociedade, por sua forma e pelo conteúdo de denúncia ao condicionamento a que eram submetidas as mulheres da época, que viviam sob leis morais patriarcais.

Era uma moça religiosa, católica, que lecionava na Vila dos Pescadores, em Cabedelo, e que sempre se destacou nos estudos, formou-se na Escola Normal, em 1922, aos 17 anos. Romântica, acreditava no amor absoluto, “mais forte que as leis da vida e da própria natureza” e tinha como referencial Olavo Bilac, de quem desejava um “beijo eterno”¹².

A Anayde que temos a pretensão de mostrar já havia se projetado socialmente muito antes do fatídico episódio trágico, do relacionamento com o advogado. Já estava imersa em uma produção literária madura, escrevia contos e artigos em periódicos voltados para o público feminino, fazia parte de um grupo de intelectuais, causou na sociedade ao adotar os moldes da moda, os cabelos curtos para condizer com sua curta paciência para as amarras normativas da sociedade conservadora. Anayde já era Anayde Beiriz, já incomodava a sociedade com suas atitudes: “(...) Quanto à sociedade, eu

¹² Informações adquiridas do acervo pessoal de Iamita Beiriz, sobrinha de Anayde, disponível em artigo da professora Dra. Maria do Socorro Nobrega Queiroga.

aborreço-a; nada vejo que me possa prender a ela” (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p. 51). O desprezo que Anayde sentia por essa sociedade provinciana é evidente, é tanto que ela não titubeia em deixá-la quando exerce mais uma vez sua liberdade de escolha, quando decide deixar a vida.

Sobre isso, alguns veículos de memória demarcam o lugar da mulher apaixonada, que não consegue mais viver sem seu grande amor, e ideias para o motivo do suicídio são reproduzidas, atreladas a sua identidade e imagem, teria Anayde se suicidado por amor? Ou por não conseguir viver sem esse amor? Na verdade, muitas são as dizibilidades que estão atreladas a Anayde, afinal, seu corpo móvel, turbilhão, revolucionário, permite essas construções e pluralidades, todavia, ao analisarmos os contextos históricos que estão atrelados a sua memória, entendemos que as tensões e pressões sofridas pela mesma chegaram a corromper suas forças.

A mesma já tinha aprendido a lidar com exclusões, afinal, seu comportamento dito transgressor já havia a premiado com rótulos e papéis de devassa “professorinha sem pudor”, “não é namorada, é amante”, e tantos outros dizeres e discursos que repercutiram em seu meio social, porém, a divulgação de seus textos literários e ornados de táticas de sedução associados ao assassinato do presidente “sacralizado”, foram o apogeu para a sociedade persegui-la, só que dessa vez ainda mais armados com moralismos feridos e hipocrisias rotineiras comuns a todo discurso normatizador.

A junção de todos esses fatores, a tragédia, as marcas de sangue, a perseguição e a pressão social a arrastou ao suicídio, e não algo isolado, algo passional, sem eliminá-la, é claro. Afinal, assim como Wanda, para Anayde não havia outro caminho a percorrer depois do amor se não a morte. O enlace amoroso com João Dantas, que assassinou o presidente João Pessoa, parece ter levado junto com ele uma Anayde, múltiplas Anaydes, à morte, afinal, foi o acontecimento que culminou com a produção dos vários discursos rumorosos em torno de sua vida.

Apagar Anayde, em discursos legitimados socialmente, foi pôr em sua boca de poetisa dizeres não ditos, coisas que ela parecia querer superar, atravessar: a existência submissa a um homem, como as mulheres do seu tempo, e talvez Anayde pudesse ser vista hoje, por nós, como uma porta-voz das mulheres de seu tempo, mulheres que foram sufocadas, submissas que foram coadjuvantes, quando poderiam ter sido protagonistas de seu enredo de vida.

Todas as Anaydes existiram. Todos esses corpos tiveram um nome e uma identidade. É assim que Anayde tem sido traduzida pelos discursos da imprensa: uma mulher que viveu de modo radicalmente diferente do comportamento esperado e desejado para as moçoilas do seu tempo, o que coincide com o que a poetisa modernista pensava ao narrar sobre si mesma: era livre, dona de si, senhora de suas próprias vontades? Anayde era filha de Maria Augusta de Azevedo e José da Costa Beiriz. Nasceu na antiga capital Parahyba do Norte, em 18 de fevereiro de 1905, e morreu no dia 22 de outubro, durante o período político da Revolução de 30, depois do assassinato de João Dantas, na Casa de Detenção, na cidade de Recife. Perseguida, ingeriu uma grande quantidade de veneno. Foi sepultada no Cemitério Santo Amaro, em Recife.

Quem irá dizer que ela foi isto ou aquilo? Se ninguém é um só, se todos somos o resultado da fabricação de invenção por múltiplos discursos produzidos, inclusive, por nós mesmos, quem sabe não fosse nada do que disseram sobre ela, seria, então, grandiosa ou tão somente Anayde Beiriz... Assim como no fragmento abaixo:

(...) de todos os sentimentos que desabrocham, como as flores, em um extenso jardim da vida, entrelaçadas umas, odorosas outras, umas simples, ingênuas, modestas, outras ostentando beleza, vaidade, imponência... um, sem dúvida, é a *synthese* de a toda nobreza do sentimento humano! (Anayde Beiriz em *Jornal das Moças*).¹³

¹³ Texto intitulado *A Gratidão*, extraído do *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1923, p. 9.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a década de 20, o Brasil sinalizava uma série de mudanças sociais e comportamentais que, pouco a pouco, chegaram à Parahyba do Norte. Uma vertente dessas mudanças atingia o tradicional papel da mulher na sociedade. Nesse contexto surgiram grandes mulheres que deixaram o seu legado de luta e resistência à moral machista e burguesa, seja na luta pelo voto feminino, seja no corte de cabelo ou por se recusarem a casar e a ter filhos, enfim, atitudes aparentemente simples, mas que repercutiram no tempo em que viveram.

Foi esse o caso de Anayde Beiriz, que se destacava como uma moça avançada, com atitudes e pensamentos para além do seu tempo, uma mulher que quebrava padrões impostos pela sociedade paraibana e, por isso, as mulheres feministas, através de seus discursos, tomaram-na como uma revolucionária, um ícone do feminismo não só na Parahyba, mas também no Brasil, pelos comportamentos que expunha e por defender abertamente a liberdade de pensamento, emancipação e autonomia feminina. Esse trabalho procurou mostrar a mulher Anayde Beiriz sob a ótica de uma interpretação da história cultural entendida como lugar de trama de tensões acomodações e conflitos, lugar de disputas de memória e representação.

Nas discussões e leituras realizadas, observamos o processo de construção e desconstrução da imagem e representação de Anayde Beiriz, além de entendermos sua temporalidade, as mentalidades de uma época e as tensões, mudanças e permanências do cenário onde a mesma esteve inserida. Para enfim dizermos que Anayde Beiriz foi múltipla e única ao mesmo tempo; Anayde foi uma mulher avançada para a época em que viveu, porquanto se distanciou completamente dos moldes tradicionais e institucionais de se pensar o papel da mulher. Era uma moça de família humilde, que se destacou pelo culto à leitura e à escrita, e por ser uma intelectual aberta às inovações, vivenciou e sofreu com o processo de desterritorialização das tradições. A estrutura teórica da nossa pesquisa esteve pautada através da análise de documento narrativo sobre a mesma, além de buscar entender o espaço direcionado para o gênero feminino no contexto social citado acima, realizando uma tessitura de gênero a partir dos discursos produzidos sobre Anayde Beiriz.

Assim sendo, nossa pesquisa se debruçou sobre os discursos e a memória produzida sobre Anayde Beiriz; empreendemos uma análise na perspectiva de sua dizibilidade, afinal, muitas Anayde existiram, foram produzidas ou reproduzidas em filmes e livros. Porém, refletimos que esses veículos de memória carregam seus perigos, mas não tivemos a pretensão de desmenti-los ou desmerecê-los, pois foram fundamentais para a promulgação da história de Anayde (sobretudo em meio a uma “política” de levá-la ao esquecimento), carregando cada um a dizibilidade que constrói a mulher Anayde Beiriz, e sendo material para inúmeras possibilidades de estudo e pesquisa.

As obras produzem uma memória de vieses diversos, mas sempre alicerçadas na dualidade vítima-vilã, anjo-demônio, santa-devassa... Produziram-se discursos em que a figura de Anayde era referida como uma mulher dona dos seus desejos com um corpo feminino extremamente evidenciado, com uma dose exacerbada de um romance “carnal”, abusando dos códigos eróticos e sensuais, o que nos pareceu limitá-la mais uma vez como a “amante do advogado João Dantas”, ou em outro momento com um outro viés: a “ingênua jovem que foi perseguida pela sociedade incompreensível”, ou ainda a “jovem apaixonada pelo noivo médico que não era nada disso, mas que sonhava em ser mãe e construir uma linda família”. Muitos foram os olhares e falares sobre Anayde Beiriz, e optamos por mostrarmos todos eles, analisá-los dentro de suas conjunturas e intenções, demonstrando o jogo de memória e a construção das representações associadas a Anayde Beiriz. Mas para além disso, queríamos mais, e por esse querer, olhamos Anayde por ela mesma...

Falar de Anayde mulher/professora/intelectual/poetisa nos possibilita compreender a construção de sua identidade e de sua vida, muito pouco sobre a sua prática docente (que, aliás, não é o foco dessa pesquisa) em um tempo e espaço específico de relações de poder-saber, em um movimento entre o singular e o coletivo, entre o arcaico e o moderno, de mudanças e permanências, dialogando com autores que foram nossos pares para pensar e analisar as relações estabelecidas naquela temporalidade (1920/1930), sobretudo as relações de gênero, os códigos de normatização dos corpos e as regras de comportamento estabelecidas para os sujeitos, sobretudo para as mulheres.

Os discursos produzidos por feministas sobre Anayde Beiriz, que a consideraram como o ícone do feminismo no Brasil, ampliaram-se ainda mais durante a década de 60, quando Anayde e sua história passaram a ser narradas pelos movimentos contraculturais paraibanos e, ainda hoje, continua sendo fonte de inspiração para as feministas, como “exemplo de coragem, força e ousadia”.

As práticas sociais, na perspectiva do disciplinamento e da regulação dos corpos, mostram onde estão ancoradas as nossas práticas. Para tanto, tentamos definir o lugar social de Anayde, segundo as narrativas que constam em documentos da época, através das memórias da sociedade nacional, mas, sobretudo, paraibana, tanto em uma memória artística do cinema, como também na literatura que a imortalizou, e que a mesma produziu, deixando-se descobrir-se, mostrando-se ela por ela mesma, que se transformaram para nós em armas de lutas, de produção de outras verdades discursivas sobre a mulher/poetisa/educadora em questão e que apresentamos aos leitores sob a forma de uma pesquisa, integrando os discursos sobre as questões de gênero na Paraíba do século XX. Trazer a memória de Anayde Beiriz é contar uma parte da história da Paraíba, das mulheres, das questões das diferenças impostas a esse gênero, é reconstruir um tempo em diversos aspectos: cultural, político, social e histórico.

Determinamos a escolha do tema sobretudo por discorrer sobre as condições das mulheres que, de alguma forma, tiveram suas imagens distorcidas, suas memórias apagadas, que foram vistas como “coadjuvantes” na trama de fatos históricos, tendo suas histórias intimamente ligadas a personagens históricos masculinos, configurando também uma determinada violência de gênero contra as mesmas.

No caso desta pesquisa, dizemos de Anayde muitas coisas, na luta que travamos no campo discursivo acadêmico pela produção de verdades, por um lugar privilegiado de poder-saber. É assim que essa pesquisa tratou de Anayde: fazer uma leitura da Anayde produzida pelo discurso da arte e literatura, a Anayde produzida pelo discurso dos espaços públicos e sociais onde ela esteve inserida e a Anayde que produziu a si mesma. É nesse sentido que é preciso dar visibilidade aos equipamentos de disciplinamento dos corpos e das mentes, desde a infância, e de refletir acerca das práticas de regulação, como a escola, os espaços sociais, sobre os sujeitos e suas práticas, como dispositivos privilegiados de produção de subjetividades.

Nesse sentido Anayde pode ser vista hoje por nós como uma porta-voz das mulheres de seu tempo, mulheres que foram sufocadas, submissas, que foram coadjuvantes quando poderiam ter sido protagonistas de seu enredo de vida mas que tiveram suas práticas “subversivas” silenciadas pelas suas histórias e pela historiografia. Foi assim que optamos por escrever nossa versão sobre a história de ser mulher de Anayde da Costa Beiriz.

REFERÊNCIAS

ABRANTES Alômia. **Anayde Beiriz e seu corpo insurgente**: outras revoluções. In: I SEMINÁRIO DE GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS. João Pessoa, 2007.

ARANHA, Marcus. **Anayde Beiriz**: panthera dos olhos dormentes. João Pessoa: Editora UNESP, 2005.

ARAÚJO, Fátima. A Parahyba na efervescência dos anos vinte. **Revista dos Estudos Histórico e Geográfico da Paraíba**. João Pessoa/PB, ano LxxxII, 1995.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ; Brasília: UNEB, 1996.

BESTER, Gisela Maria. Aspectos históricos da luta sufrágica feminina no Brasil. **Revista de Ciências humanas**, Florianópolis, 1997.

BUONICORE, Augusto. **As mulheres e os direitos políticos no Brasil**. Portal Vermelho. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br>>. Acesso em: 14/06/2017.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger, *et al.* **A história cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHINOY, Ely. **Sociedade**: uma introdução a sociologia. 21. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

COSTA, Luyze. **Anayde Beiriz**: uma biografia em quadrinhos. João Pessoa: Gráfica JB, 2013.

FOUCAULT, M. A Escrita de si. In: **Ética, Sexualidade, Política**. Manoel Barros da Silva (Org.). Rio de Janeiro: Forense universitária, 2004.

_____. A Escrita de Si. In: **O que é o autor?** 3. ed. Rio de Janeiro: Vega/ Passagens, 1992.

_____. **A microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1993.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GRINBERG, Keila. **Código Civil e cidadania**. Rio de Janeiro: Jorge Lahar, 2001.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas, 1837-1850**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1992.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

JOFFILY, José. **Anayde Beiriz: Paixão e Morte na Revolução de 30**. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira das Artes Gráficas (CBFG), 1980.

KAPLAN, E.A. O olhar é masculino? A mulher e o cinema, os dois lados da câmara. **Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 7, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

_____. História. In: **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 48-49.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: MORAIS, Ferreira Marieta de; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lucia. Recôndito do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A. (Cord); SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil Republica: da belle époque a era do rádio**. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MATOS, Maria Izilda S. de. Delineando Corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Rachel (Orgs.). **O Corpo Feminino em debate**. São Paulo: Editora da Unesp, 2003, p. 117.

MELO, Fernando. **João Dantas: uma biografia**. João Pessoa, 2002.

MICHELET, Jules. **A mulher**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MILL, Stuart John. **A Sujeição das mulheres**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

MARIANO, Serioja R. Cordeiro. **Signos em Confronto: O arcaico e o moderno na Princesa (PB) dos anos vinte**. 1999. Tese (Doutorado em história) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara & GONDIM Isabel. **Uma Nobre Figura de Mulher**. Natal: Fundação Guimarães Duque, 2003.

_____. **Leitura de Mulheres no Século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAIS, Maria Ligia Quartim. “Cidadania no Feminino”. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, São Paulo, 2003.

MORGI, V. J. Teoria social e comunicação: Representações Sociais, produção dos sentidos e construção dos imaginários. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**. v. 1, 2004.

ODILON, Marcus. **Pequeno dicionário de fatos e vultos da Paraíba**. João Pessoa: Editora Cátedra, 1984.

OLIVEIRA, Iranilson B. de. **Anatomia feminina: o corpo vivo de Anayde Beiriz**. Texto inédito – no prelo.

PAIVA, C. V. **Do local ao global: imagens do nordeste na idade média**. Uma antropologia da ficcionalidade brasileira. XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Brasília, 2006.

PARAHYBA, Mulher Macho. Produção de Tizuka Yamasaki. Rio de Janeiro: EMBRAFILME. Roteiro: José Joffily Filho e Tizuka Yamasaki, 1983. Bobina cinematográfica (88 min), son. color., 35 mm. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JWBIBQS7MLG>>. Acesso em: 13 de junho 2017.

PERROT, Michelle. **A minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Os silêncios do corpo feminino. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Ed. UNES, 2003.

PINHEIRO, Mariza de Oliveira. **Anayde Beiriz e a Escrita de si (educação, história e relações de gênero)**. Natal: UFRN, 2008.

PINTO, Otavio Augusto S. **Trinta, a Falsa Revolução**. 2010. Disponível em: <<http://paraibanos.com/joaopessoa/doc/1930-a-falsa-revolucao-otavio-sitonio.pdf>>.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncios. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. Viagem pelo imaginário do interior feminino. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 179-194. 1999.

QUEIROGA, Maria do S. N. SENA, Fabiana. Infância e disciplinamento: as lições de *dona Nenê* e a educação em Pombal. In: MACHADO, Charliton, J. dos S.; NUNES, Maria L. da S. (Org.). **Educação e educadoras na Paraíba do Século XX**: práticas, leituras e representações. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011, p. 23-37.

_____. BORGES, Allanna Maria S. “Muitas atitudes minhas incompreensíveis aos olhos desses fariseus”: Os múltiplos discursos produzidos sobre Anayde Beiriz. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 184-196, 2016.

RAGO, Margareth. A sexualidade feminina entre o desejo e a norma: moral sexual e cultural literária feminina no Brasil, 1900-1932. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 14, n. 28, 1994.

_____. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os Prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**: a inovação em história. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ROSSINI, M de S. **Discursos sobre identidades culturais no cinema brasileiro nos anos 90**. IV ENCONTRO DE NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM. Porto Alegre, 2004.

SANTANA, Rosemere Olímpio de. **Tradições e Modernidades**: raptos consentidos na Paraíba (1920-1940). Rio de Janeiro, 2013.

SCHOEPFLIN, Maurizio. **O amor segundo os filósofos**. Bauru: EDUSC, 2004.

SILVA, Alômia Abrantes da. **Paraíba Mulher-Macho: Tessituras de Gênero, (Desa)fiões da História**. 2008. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

STEARNAS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

SWAIN, Tânia N. Entre a vida e a morte, o sexo. **Labrys - Revista de Estudos Feministas**, Brasília, n. 10, 2006.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Braziliense, 1999.